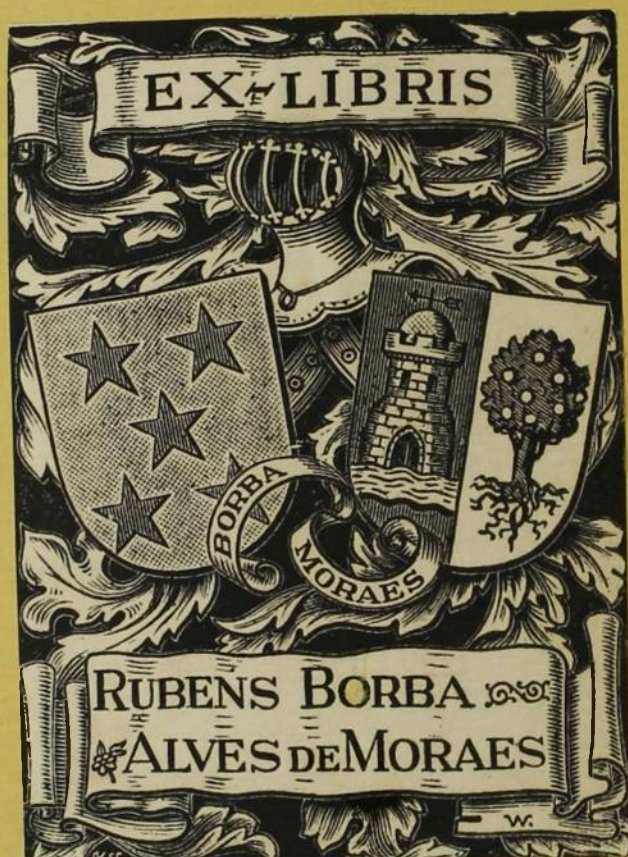


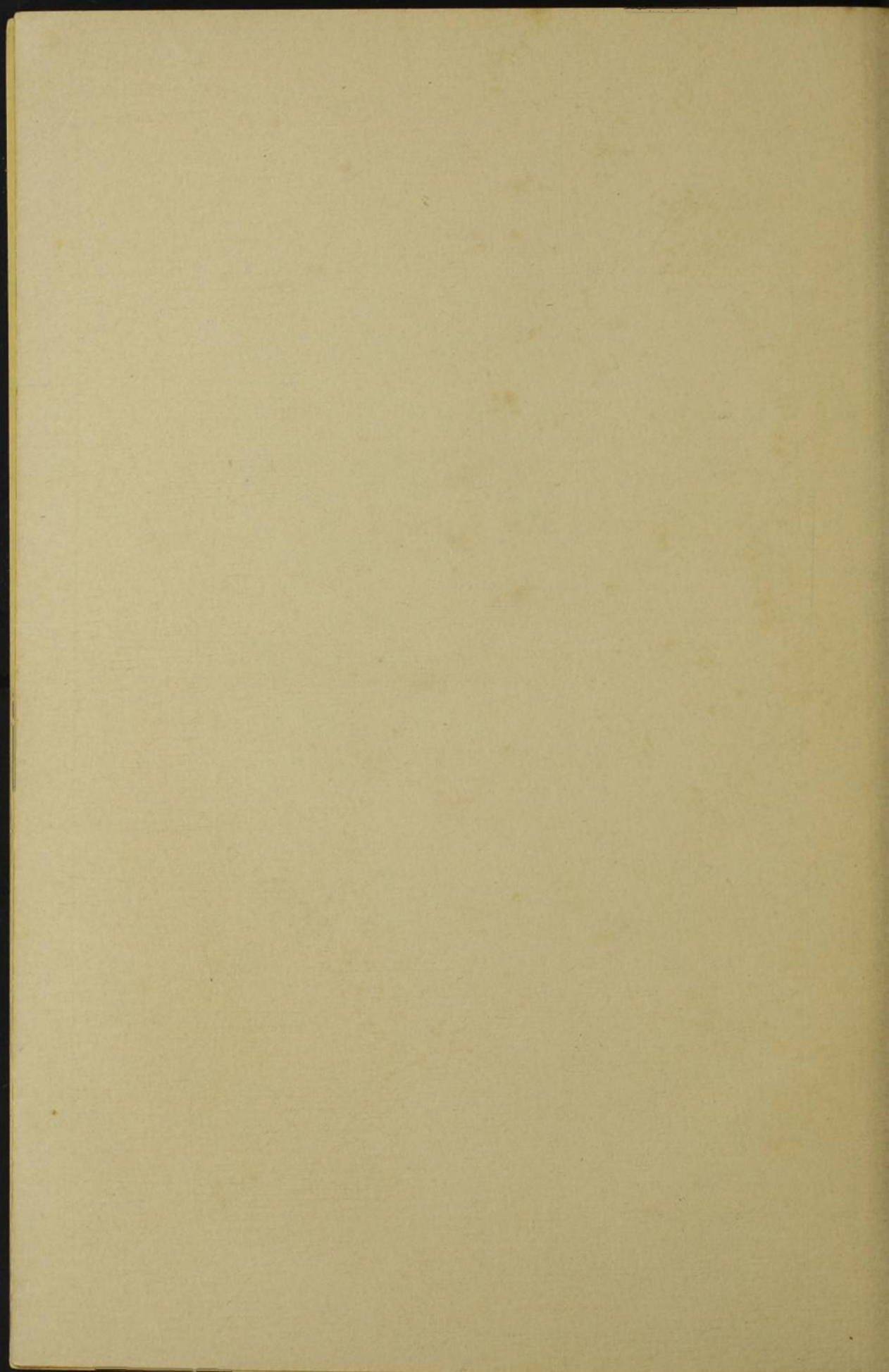
OSWALD DE ANDRADE

**PONTA
DE
LANÇA**



LIVRARIA MARTINS EDITORA





Ponta de Lança

Book of the

OSWALD DE ANDRADE

**PONTA
DE
LANÇA**



LIVRARIA
MARTINS
EDITORA

OSWALD DE ANDRADE

PONTA
DE
LANÇA



LIVRARIA
MARTINS
BOITARD

Este volume compõe-se de artigos e conferências. É a minha atividade jornalística, durante o ano de 1943, constante da colaboração no "Estado", no "Diário de São Paulo" e na "Fôlha da Manhã". As três conferências foram pronunciadas, a primeira no encerramento da exposição do pintor Carlos Prado, em setembro de 1943, a segunda em Belo Horizonte, em maio de 1944 e a terceira em São Paulo, em agosto do mesmo ano.

O. A.

Les colonies françaises en Afrique et en Asie

Le rôle de la France dans le monde

La France et l'Union Soviétique

La France et l'Amérique Latine

La France et l'Australie

La France et l'Indonésie

La France et le Japon

La France et la Chine

La France et l'Inde

CARTA A MONTEIRO LOBATO

Meu velho amigo. Quero também trazer as minhas flores aos vinte e cinco anos moços dos "Urupês". Transcrevo de um diário: "A Ciclone observou que o Lobato não é bêsta — senta de atravessado na vida". Na salinha da Revista. metralhada de estalidos de Remington, Lobato tira talões de recibo e berra para o Caiubi — 10 Urupês, 30 Sacis, 40 Mulas-sem-cabeça. Nacionalismo e comércio. O país que lê". Com êsses trechos, apólogos autografados por Léo Vaz, recém-vindo de Piracicaba. Depois: "Lobato está célebre. O René Thiollie quer almoçar com êle no Jabaquara".

1918 — São Paulo ouvia o ruído dos primeiros aviões, voando muito alto, no azul, com mêdo de esbarrar nas casas de dois andares. E parava gente para ver. Da minha janela, naquela "garçoniêre" que era um pouco distante do centro — na rua Líbero Badaró — olhávamos também. Por cima do cretone de um largo sofá de palha, sem bordas, misto de divã e de cama, rodavam umas provas. Na primeira página lia-se impresso o seu nome. E mal suspeitávamos — eu e você e os outros frequentadores daquele refúgio da cidade, que nos aparecia vulcânica nos tímpanos ainda recentes da Light and Power, que uma oposição começava entre o seu livro e o avião. Hoje, passados cinco lustros, é você

quem reclama a sua parte gloriosa na recuperação da nacionalidade que alguns daqueles moços iam àrduamente tentar nas lutas da literatura. E lendo a frase de sua entrevista: "Os fatos provam que o verdadeiro Marco Zero de Oswald de Andrade é esse livro", não venho retificar e sim esclarecer. De fato "Urupês" é anterior ao "Pau Brasil" e à obra de Gilberto Freyre.

Mas você, Lobato, foi o culpado de não ter a sua merecida parte de leão nas transformações tumultuosas, mas definitivas, que vieram se desdobrando desde a Semana da Arte de 22. Você foi o Gandhi do modernismo. Jejuou e produziu, quem sabe, nesse e noutros setores a mais eficaz resistência passiva de que se possa orgulhar uma vocação patriótica. No entanto, martirizaram você por ter falta de patriotismo!

Essas cousas acontecem. Os vinte e cinco anos dos "Urupês" são outro marco. Hoje, o tumulto parou diante de uma borboleta mecânica, onde se pede carta de identidade para o futuro. E você tem mais que isso, tem uma heráldica inteira, onde de um lado a saudade e de outro a faísca mordaz e sadia do riso cortam o campo laborioso da vida. Contra essa rica unidade, creia, nada prevalecerá!

Hoje, passados vinte e cinco anos, sua atitude aparece sob o ângulo legitimista da defesa da nacionalidade. Se Anita e nós tínhamos razão, sua luta significava a repulsa ao estrangeirismo afobado de Graça Aranha, às decadências lustrais da Europa podre, ao snobismo social que abria os seus salões à "Semana". E não percebia você que nós também trazíamos nas nossas canções, por debaixo do "futurismo", a dolência e a revolta da terra brasileira. Que as camadas mais profundas, as estra-

tificações mais perdidas da nossa gente iam ser revolvidas por essa “poesia de exportação” que eu proclamava no “Pau Brasil”. E que dela sairia aquele negro de Jorge Amado saudando, no cais da Bahia, tôdas as raças humanas.

O seu equívoco, Lobato, e o meu também, foi ter querido ganhar a vida como qualquer mascate. Você ingressava nas lides da cidade, com aquela confiança otimista que os temperamentos milionários oferecem ao sádico frigorífico do capitalismo, principalmente quando êste é moço e age numa época sem polícia e numa terra sem escrita. Você oferecia um peito nu e atlético aos golpes mais profundos de que lançam mão a usura e o latrocínio. Viesse a fôrça, o empalamento, a proscricção, você responderia sempre com aquele riso inquietante, cheio de amanhã, onde havia, sobretudo, uma honestidade integral, uma honestidade que não é dêste mundo. E o resultado foi mais que a fôrça, o empalamento e a proscricção, foi a agrura de uma vida devalizada e incompreendida, ante a montagem dos grandes carnívoros que se alimentaram muitas vêzes das suas idéias, das suas iniciativas e descobertas, como o abutre do Cáucaso ante a entrega messiânica de Prometeu.

De outro lado, eu partia acreditando também, mas sem as amarras da Mantiqueira que você guardava nos olhos da infância. Eu vinha dos açoites do mar, com quatro séculos de aventura transcontinental, onde minha gente travou conhecimento, na África e na Amazônia, em Minas e no Ceará, com sêcas, jacarés, adamastores e meirinhos. Não me intimidavam, portanto, os chapéus melosos dos Graça Aranha, os sorrisos políticos dos magnatas

ou o convívio gelado e interrogativo dos cristãos-novos das casas bancárias. Você não trazia essa cicloídia que me fazia tirar retratos, de barba, ao lado de Olavo Bilac no Jardim da Luz, batizar uma dançarina no Duomo de Milão e entrevistar Isadora Duncan nas madrugadas confortáveis dos hotéis. E porisso mesmo, muitas vêzes fêz de mim o “engraçado arrependido” do seu conto. Você, como o caboclo, amava a sua casa de trepadeiras, longe das estradas batidas e solares. Queria era a viola no violáceo dos vales sem fim, barrados pelas montanhas, onde se escondem e agem os espíritos tutelares. Mas a vida obrigava você a endossar letras, assinar escrituras e travar conhecimento de perto com o Agostinho, o João, o Domingos e outros clientes vocacionais do T... S... N...

Que flama era essa que obrigava você a deixar a pacífica modôrria da paisagem brasílica pela Ágora perigosa e barulhenta? E’ que, como todo poeta, você queria criar e trazia, em seu cérebro, a ação. Você carregava no seu destino o esquema do livro e a profecia do petróleo. E aí começou a delapidação heróica. Você, insulado pela honradez, indefeso pela própria natureza do sonho que alimentava, entre os espias grosseiros do interesse, os adventícios do lucro, os exatores tenebrosos do negócio.

Pergunto-me às vêzes por que você não realizou a obra revelada na anunciação das manhãs orvalhadas dos “Urupês”. E respondo com minha própria vida. Há dez anos que venho trabalhando o ciclo de romances de “Marco Zero” e sòmente agora posso entregar ao editor o primeiro volume. Porque, Lobato, nós não temos os funâmbulos da

pesquisa, os trapezistas do documento, não temos, enfim, as amestradas “equipes” com que, na sombra das lareiras e na glória dos escritórios, os homens de veludo se divertem compondo compêndios impressionantes de economia e de política. Temos a rua, dura para trilhar, a mesa sem dosséis para escrever e a missão dolorosa e sobranceira de dizer o que pensamos.

Você sentiu-se cansado e refugiou-se numa calçada, rodeado de crianças. E começou a contar díssimo o que você falava. Era um roldão de infor-histórias. A princípio, a criançada achou divertimações, curiosidades e ensinamentos que vinham transfigurados em personagens de um país de maravilhas. Pouco a pouco a roda cresceu. Gente curiosa aproximava-se. Veio um senhor grave, sentou, outro, uma senhora de chapéu... E de um misto interessado de gente grande e de pirralhos, se compôs desde então o seu público apaixonado e crescente. Mas em torno de você, entrou a subir a atoarda mecânica de trilos e buzinas da cidade moderna, começou o cinema a passar, a piscapiscar o anúncio luminoso, o rádio a esgüelar reencontros e gols. E a meninada pouco a pouco se distraiu. Um foi ver os “Esquadrões da Madrugada”. Outro o “Império Submarino”, um terceiro, com os dentinhos em mudança, abriu a boca porque o Leônidas tinha machucado o dedão do pé esquerdo. E quando Tarzan passou, ali perto, pelo pôrto de Santos, maior era o mundo de adultos que rodeavam a sua ilustrada carochinha que o de crianças, ocupadas a dar tiro de canhão com a boca, andar de quatro, roncar como avião, grunhir de chipan-

zé e imitar a marcha truncada e fantasmal do Homem de Aço. Sinais dos tempos!

Lobato, trava-se uma luta entre Tarzan e a Emília. Mas isso há de ter fim. Já há exceções. Se, em outra ala, o garoto de Sérgio Milliet lê "Macunaima", conforme a informação do ilustre professor Dreyfus, êle há de voltar à Emília. E até o culto Occhialini, que desce a pé tôdas as semanas, das Agulhas Negras, para vir buscar o Gibi, há de trocar o Lil Abner pelo Rabicó. E' uma crise imensa essa que toma conta da vida no furacão da guerra ideológica. A aparição histórica de Hitler fêz todos os sucedâneos do homem primitivo saírem da caverna, tomarem corpo blindado e lutarem. Os mitos do século XX, de Rosenberg, foram postos nocaute pelo mocinho russo, pelo marinheiro Popeye e pelo justiçador dos sertões vaqueiros. E o super-homem de Nietzsche não pôde com o super-homem do Gibi. Mas aí é que reside o perigo candente. Um combate maior se anuncia num campo mais vasto. À sombra dos seringais generosos, na extensão solar das coxilhas, nas macegas, como nas ruas comerciais, nos escritórios e nos lares do Brasil, querem liquidar com o Jeca Tatu!

O Jéca, você sabe melhor do que ninguém tem sôbre o seu Cáucaso oleoso, a pata gigantesca e astuta dos interêsses equívocos. Dão-lhe armas mas negam-lhe os mananciais do sangue que movimenta as máquinas, ergue os aviões e equipa as cavalarias mecanizadas. Êle bem que é ajudado por uma ala simpática da América do Norte, à frente da qual está o "cow-boy" Roosevelt e o camarada Wallace. Mas isso não basta. Lá mesmo, no solo dessa América medíocre e insípida que você conheceu, e Sér-

gio Milliet ainda últimamente visitou, trava-se a luta entre os pioneiros do mundo melhor e o capitalismo de vistas curtas e unhas longas, tão longas que podem um dia alcançar a carne rochosa de nossas costas. Então será a vez do Jeca falar. Ele durante trinta anos garantiu a unidade da pátria contra os tubarões loiros da primeira Holanda, estendeu os tentáculos nacionais pelo trilho continental das bandeiras, lutou com o Bequimão nas estradas maranhenses, bateu-se mais de uma vez nas ruas de Recife, ombreou com os negros revoltados de Salvador, com os mineradores paulistas, com os farroupilhas, trabalhou o sertão e a cidade... fêz o Brasil. E em paga de tudo isso, ficou aquêle ser verminado e mulambento que você foi encontrar escorando com santinhos as paredes dos ranchos mortos. Cumpre despertá-lo, Lobato! E se a tecnização não fôr possível no aparelhamento de uma siderurgia imediata, refaça-se o milagre da resistência dos "Sertões" que Euclides apontou como penhor e flecha da independência viril do nosso povo.

Esqueçamos a estética e a Semana de Arte e estendamos a mão à sua oportuna e sagrada xenofobia. Hoje, as comunhões são necessárias.

O Jeca vai para a guerra, vai dar o seu sangue pela redenção da Europa. Ficarà, depois à mercê da tecnização amável que, por acaso, queira interessar-se pelas gulodices do mundo em paz? Seria preferível refluirmos então para o coração da mata no rasto das bandeiras atuais. E lá resistir e de lá voltar para os Guararapes de amanhã. Já que é pela liberdade que se luta, que nossa independência se firme solar e decisiva, erguida sôbre a téc-

nica e regada pelo sangue útil do petróleo que você anunciou.

Sem o que, teremos que usar o chuçó do Conselheiro, o "casse-tête" dos Chavantes e o mosque-tão que tenazmente derrotou tôdas as Holandas da nossa história. E usaremos.

Que em tôrno do Urupê de hoje, se restabeleça, pois, Lobato, a "rocha viva" que Euclides sentiu na Estalingrado jagunça de Canudos.

CORRESPONDÊNCIA

Meu caro professor Léo Vaz.

Enviando-lhe o volume aparecido de meu romance "Marco Zero", quero também tornar-me seu missivista. E com razão. O seu amável correspondente, citado na crônica de domingo, leva-me a explicações. Ele não compreendeu que quando eu, citando Portinari, falava da "terra roxa de Brodowski", não me referia senão às suas telas sobre o café. Era o café, seus processos de colheita, suas paisagens, seus pobres ou hercúleos trabalhadores, que eu exprimia, sem ter o menor intuito de analisar a própria terra das ruas de Brodowski, o que evidentemente não estava em meu assunto. Eu ligava apenas o lugar de origem do pintor, geralmente englobado pelos leigos como eu, nas zonas de terra roxa de Ribeirão Preto, às suas telas que tinham por motivo o café, produto dessa zona e dessas terras. O meu pensamento exato seria êste: "Portinari não dá mais, senão raramente, os frutos da "paisagem do café...". Evidentemente a expressão "terra roxa" substitui a outra com vantagem, dando-lhe um colorido que valoriza a frase e vai bem ao assunto. . Não é a primeira vez que uso essa expressão falando de Portinari. Quando escrevi, dez anos atrás, o primeiro artigo entusiástico que teve o pintor paulista, falava na "terra roxa

de Brodowski", e êle que vinha de lá, estava a meu lado, era meu íntimo amigo, compreeendeu. Pelo menos nada opôs. Aproveitou-se você, Léo, do lombo do missivista para insinuar que eu nunca pus os meus "mimosos pèzinhos" no sertão. Leia êste volume de "Marco Zero" e verá que andei alguns anos entre grileiros, derrubadores de mata, sherifes etc., e não foi por diletantismo e sim para ganhar a minha vida. Isso, Léo, não é nenhuma glória. Apenas vocês que fazem uma guerra infernal à "arte moderna" aproveitam-se de tudo para se darem um grande ar de entendidos, jogando para cima de nós o estulto rótulo de improvisadores e palpiteiros. Vocês é que são uns imperdoáveis preguiçosos mentais, solidários com o ancilóstomo no retardo bucólico dêstes intelectuais Brasis. Que culpa tenho eu, Léo, de um ou outro escriba se contentar com a rodinha de missivistas que provincianamente se regozijam ante uma anatolice blindada ou apaixonadamente defendem a sociologia de catálogo e suas proezas? Extasiam-se enquanto o gênio esquecido se põe a fazer tais piadas que são como bombas-relógio que funcionassem adiantadas. Pois antes das mesmas se formularem, já a turma tôda se contorce, contrafaz e ri, gozando o nosso definitivo desastre. A cada liquidação de nossos esforços feita pela igrejinha, ressurgimos, no entanto, mais fortes e sadios. Enquanto os que podiam, como diria o padre Vieira, "acender uma candeia no entendimento", perdem uma porção de prazeres como êsse modesto de ter a liberdade intelectual de dar a Brodowski a característica da zona cafeeira em que se engloba, sem ter o cuidado prestimoso de mandar antes a um

laboratório de análises um punhadinho de terra do seu largo da Matriz, a fim de falar “exato”. Terra roxa, pode significar São Paulo, quanto mais a Alta Mogiana!

Se em vez de massapé, fôsse salmourão, lá vinha a frase: “O pintor não dá mais os frutos do salmourão”. Era assim que vocês queriam que eu escrevesse? Muito obrigado. Isso com certeza me traria, dentro de uma sólida reputação de província, mais lazes e incensos que a posição de pesquisa e de debate público a que minha consciência de escritor obriga. Perco, é verdade, uma porção de admirações preciosas como a do sr. Zampeta, mas prefiro continuar e continuarei.

Não pense, no entanto, meu caro professor, que teimo em fazer hoje “Semana de Arte Moderna”. Deixo isso a alguns companheiros ilustres de jornada (o sr. Mario de Andrade, o sr. Portinari). “Marco Zero” é um livro que vai surpreender os que esperam os modismos e os cacoetes que tão gostosa e justamente empregamos na fase polêmica da renovação literária. Nesse tempo eu escrevia: “Losangos tênues de ouro bandeiranacionalizavam o verde dos montes interiores. No outro lado azul da baía a serra dos Órgãos serrava”. (“Memórias Sentimentais de João Miramar” — 1923). Hoje eu escrevo assim: “O céu por cima das árvores estava copado de estrêlas. Elas ligavam-se à alta folhagem dos jequitibás. Silhuetas de palmeiras suspendiam fachos tropicais na noite. Uma canjarana estorcegava-se para o alto. Jango escutou gemidos surdos, um e outro grito teimoso e o assovio do Sem-Fim. Acendeu outro cigarro”. (“Marco Zero” — “A revolução melancólica” — 1943.

Confesso, meu prezado companheiro de “garçonnière” de 19, que a revolução modernista eu a fiz mais contra mim mesmo que contra você ou o prezado leitor sr. Zampeta. Pois eu temia era escrever bonito demais. Temia fazer a carreira literária de Paulo Setúbal. Se eu não destroçasse todo o velho material lingüístico que utilizava, amassasse-o de novo nas formas agrestes do modernismo, minha literatura aguava e eu ficava parecido com Danunzio ou com você. Não quero depreciar nenhuma dessas altas expressões da mundial literatura. Mas sempre enfezei em ser eu mesmo. Mau mas eu.

Essa necessidade de modernizar é de todos os tempos. Distraia-se um pouco, meu bom Léo, das suas pescarias lendo Giorgio Vasari. Perderá você um ou dois mandis, mas ganhará em troca certas úteis informações. E verá, meu caro Jeremias dos tempos revoltos de hoje, que Giorgio Vasari, o grande crítico do Renascimento, fala sempre e insistindo em exaltar, na “maneira moderna” de Leonardo da Vinci e de Rafaelo Sanzio de Urbino, êsses que são hoje os clarins supremos do classicismo. E o são justamente porque foram “modernistas”. Se não o fôssem, aguavam repetindo Giotto e Cimabue, em vez de produzir a língua nova da Renascença.

Em São Paulo, no meio dos esqueletos gigantes dos arranha-céus, permanecem certas ilhas quietas onde ainda se pesca à linha. E’ nessa sombra vadia que se acoita o espírito dos que acham que a estética atual reside na cachumba de certos tarados que o modernismo retrata e define. São os mesmos que, por exemplo, só vão enxergar es-

cabrosidade no grande filme que é "A mulher do padeiro". Foi a opinião até de certa crítica nossa, enquanto que um jornalista americano, citado oportunamente pelo sr. Décio de Almeida Prado, vê os horizontes dessa monumental criação da França, estenderem-se a Debussy e à mitologia helênica. Deve ser porque em Nova York não se pega mais traíra. Nem há mandis.

E' o que tinha a dizer seu ex-corde que paciente espera que você e seus aficionados encontrem vasto campo para correções abelhudas e sábias no presente livro que lhe oferece.

BILHETE ABERTO

(De São Paulo) — Meu fotogênico C. R.

Não se envaideça com o qualificativo. Ele transcende da iconografia pessoal. Fotogênico aqui vai como sinalação de indivíduo de precisos contornos, de acentuadas feições típicas, de robustas formas psicológicas e morais. Quer dizer sujeito nada evasivo, impressionista ou enervado de hesitações, problemas e hamléticos escrúpulos. Não. Você quando é, é. E' mais que o princípio de identidade. E' o princípio de adesão. E por isso daqui dêste modesto canto paulista do "Correio", estou certo de que você assumirá a inteira responsabilidade da campanha que, sob sua oficiosa férula, se vem fazendo contra a liberdade de expressão literária no Brasil. E que não se possa dizer depois que nada teve de participação nesse crime contra o espírito, que só a pororóca mundial dum sistema pode criar na renitente cabeça de seus crentes e batizados. Para que não se queixe você depois da injustiça de lhe vestirem uma camisola colorida, em você que sempre se disse um adepto emburrado da tanga, do cocar e do tacape.

Nós sabemos, porém, que êsses utensílios da ferocidade nativa fazem parte duma barraquinha de vaticínios amáveis que há anos você carrega nas costas como o homem do periquito. E que as

suas canções nativas são como êsses bonecos de cerâmica que representam Pai João e Peri, Anhangüera e D. Pedro II, mas que vêm da Alemanha, fabricados em série. Porque a sua literatura, rotulada de nativismo, não passa de macumba para turistas. E uma vez desatada a fitinha verde-amarela que recobre o seu pacote de símbolos, só se encontram nêlo o Martim Cererê, o Caapora, o Saci e outros ratões que nunca penetraram na corrente folclórica da imagiária nacional. Se sua prosa literária é melhor que a sua poesia, não sente ela nenhuma vocação para os roteiros da liberdade e para os caminhos do futuro. E por isso, dela restará apenas um estilo duro, robusto e pedregoso a serviço dum oportunismo mole e adulão. Que adianta isso, meu feliz e vitorioso C. R?

Sabendo disso, por que lhe escrevo? E' que minha ingenuidade é das mais tenazes do mundo. Quando você iniciava seu jornalismo no Rio, fêz para mim profissões quase que liberais. Se açodadamente convidou alguns fidelíssimos servidores do nazismo, para honrar o seu suplemento, também nêlo agüentou, do rosicler ao bordeaux, as côres espectrais do levante em ascensão. Eu mesmo seria aceito na confusa menagerie que você sàbiamente confiou à guarda de um Leão amável e eclético.

No entanto, abre você agora bulhentemente as baterias ocultas do seu ódio à liberdade e procura fazer com que se consuma uma incomensurável traição à literatura que deu Castro Alves e Euclides da Cunha, e que se consolide um crime contra o patrimônio intelectual do Brasil.

Reflita na sua sólida longevidade. Você pode viver de 105 a 120 anos, sem o auxílio de nenhum sôro russo. Basta a gente ver você de fardão na Academia, para sentir que sua natureza participa da dos paquidermes diluvianos e da tartaruga de água-doce. Você pode, um dia, mais tarde, vir a convencer-se de que Júpiter ensandece mesmo os homens que deseja castigar. E castigo não pode haver maior do que a marca da traição ao espírito.

Sou sempre o

O. A.

CARTA A UM TORCIDA

Meu velho José Lins do Rêgo.

Não tome o qualificativo como tratamento de intimidade, nem tampouco como nota de fichário. Velho vai ai no sentido de ancianidade perene e não no particular de desgaste. A gente nasce velho, dizia-me um dia em Paris o grande poeta e romancista Jules Suppervielle. E depois, todo o trabalho útil consiste no renovamento, na remoção do entulho de ancestralidade que cobre as adolescências suicidas, os mórbidos dezoito anos de cada um ou a crosta que caracteriza os vinte e cinco, os trinta e os quarenta — essa crosta feita de recalques e preconceitos, da qual somente as almas livres conseguem se desembaraçar. Haveria juventude mais impertinente que a de Bernard Shaw, mais inquieta que a de Pirandello? E hoje onde está a mocidade dos pintores de vinte anos diante dos divinos jogos infantis em que se comprazem os sessenta de Picasso? Será preciso citar Winston Churchill?

Você sabe pois que a idade não é cronológica. De modo que, quando lhe devolvo o epíteto de velho, não é porque você esteja quase me alcançando na casa dos cinqüenta ou dos setenta, nem me lembro mais... E' porque, desde que teve bigode, você foi o maior ancião de nossas letras e o cacête

mais tenebroso do Nordeste de livraria. Você quando escreve artigos, vira até velha, tal a insuportabilidade dos seus cacoetes vulgares, dos seus domésticos pontos de vista e dos seus rancorosos e insolúveis transe de idade-crítica.

Não li a grosseira diatribe que você publicou contra mim, mas não me faltaram as boas almas que trazem sempre nos abraços o pêso do coice que recebemos à distancia.

Foram lhe dizer, consta, que eu envenenara aqui a brilhante polêmica que você manteve com um cronista esportivo sobre um beque do Corinthians. Eu teria dito que, no calor da controvérsia, você ofendera São Paulo, o que não deixava de ser plausível, pois você possui uma tal finura que quando abraça produz equimoses e quando quer valorizar o nome arrevesado do seu grande amigo, aquele que foi secretário do primeiro ditador da Europa moderna, chama-o de Otto Rino Laringo Maria Carpeaux...

Vou, antes de mais nada, lhe contar o que faz um homem educado, quando sabe que uma pessoa de suas boas relações de livraria, de rua e de mesa, poderia ter dito qualquer coisa de ofensivo ou maldoso a seu respeito. Pega no telefone, interpela pessoalmente num encontro, escreve uma carta ou verifica por terceiros se é ou não autêntico o aleive ou se se trata da simples manobra mentirosa de um caluniador. Será por acaso você um otário de pátio de estação que agarra o primeiro paco imaginário que lhe oferecem? Não. Você já chegou há muito tempo. Acredito mais numa segunda hipótese. Você inventou essa briga comigo para distrair a responsabilidade das pueris injú-

rias que dirigiu a São Paulo por causa de um jogador de futebol. Senão vejamos!

Verifiquei agora, por um jornal daqui que você escreveu isto: "São Paulo há de ficar com os campos despovoados, cobertos de mato, quando vier a "broca financeira"...

Era naturalmente uma bomba! Vista e examinada a besteira que fôra pesada pelo seu justo valor, teria você recorrido ao compatriota de Hitler que lhe serve de tony, o qual, depois de esgares, gestos e estalidos, sugeriria aquela gozada interpretação: campos? Você falara dos campos de futebol e a broca não era evidentemente a dos cafezais!... A platéia paulista ria muito se não houvesse ficado por aqui um amargo gôsto de pedrada na bôca. Voltou você, em seguida, a perguntar ao seu diligente Iago de picadeiro, como diminuir os efeitos da desastrada aventura e êle, depois de dois meses de telemorse, ter-se-ia feito compreender:

— O-O-O-O-O-Ox-wold! E passaria eu, salvadoramente, a ser o objeto de suas cafajestadas e o bode expiatório de suas ratas!

Porque, primeiramente, tenho o natural descuido de um homem que trabalha, pelos seus arrazoados, mesmo quando versem sôbre o ilustre zagueiro Domingos da Guia. Portanto, não seria eu quem fôsse azedar a môrna coca-cola que você oferece pelas colunas dos jornais. Que tempo tenho para constatar que você, como excelente torcida uniformizada, pulou a cêrca no jôgo de interêsses Flamengo-Corinthians? E que culpa tenho de você fazer do futebol uma espécie de nu-artístico, por

cujas poses e quadros-vivos se desfalece na idade que caracteriza os seus entusiasmos?

Você faz do futebol uma cantárida emocional para essa prematura velhice que cobre de teias de aranha a casa caída do seu talento de romancista. (Peço vênua aos amigos comuns para não dar a êste trecho uma interpretação escabrosa e a você que se certifique que seria idiota quem depreciar a fisiologia tempestuosa que sua truculência física autentica).

Perfeito de funções, você, no entanto, nasceu velho de cabeça e ficou campônio de destino, só conseguindo juvenilizar-se através de excitantes urbanos como foi, na sua primeira fase, o Integralismo e como é na atual, o futebol. A admiração que você açodadamente vestindo a camisa-verde, descarregava sôbre Plínio Salgado é a mesma que o faz urrar de braços erguidos na Avenida Rio Branco, diante de um feito espetacular do Flamengo. O que interessa sua alma tósca e primária é o espetáculo, o movimento e o aleguai, nunca o sentido e a essência.

E seria até muito salutar que você indicasse tão útil caminho de sublimações ao seu particular amigo Maria, cujo sentimento de culpa deve ser maior e estar mais encurralado que o seu, pois, na história do fascismo, a figura sinistra do pseudo-mártir Dolfus é muito mais importante que a do fracassado galinha-verde a quem você dedicou os seus primeiros arroubos políticos. Assim, iriam ambos nas efemérides, dentro dum táxi espantoso, para o campo do Vasco — êle gago de emoção, você aos berros e aos pinchos, nesse dionisiaco delírio que, dentro do mundo em fogo, ainda conse-

guem levantar para os eleitos, os pés de ferro de Domingos e o couro mágico de Leônidas.

Apesar de indicar isso tudo que você cada vez mais se afasta da literatura e se atola no futebol, sei que não deixou de ter sido motivo das suas malcriações o fato de, num recente **Telefonema** para o Rio, haver eu colocado diante de suas suas das condecorações de violeiro, a figura de mestre do romance que vai sendo José Geraldo Vieira. Para êle, a maturidade serena e a velhice só podem ampliar a posição de humanista e firmar o climax da criação. Para você, para os seus sessenta anos, sobrarão os abraços dos craques, a coroa na chopada dos clubes, a rouquidão e o espasmo dos estádios. Quem negará ao futebol êsse condão da catarse circense com que os velhos sábidos de Roma lambuzavam o pão triste das massas? Não podendo xingar o patrão que o rouba, o operário xinga os juizes da partida e procura espancá-los, como se o bandeirinha mais próximo fôsse o procurador da prepotência, do arbítrio e dos outros sinais do mundo injusto que o oprime. E você, o homem de esquerda, que deu, não nego, aquela série de romances úteis, os quais no fundo são a homeopatia gatafunhada de "Casa Grande & Senzala", você que tem procurado ter nos últimos tempos diretivas progressistas, é quem pactua, na exaltação mórbida dêsse novo ópio, descoberto e enviado para cá pelos néo-romanos, amáveis civilizadores saídos do conúbio imperialista de Disraeli com a Rainha Vitória. E' você quem defende, histérico e incisivo, a exploração de rapazes pobres, bruscamente retirados de seu meio laborioso, para o esplendor precário dos grandes cartazes e dos

grossos cachês, a fim de despencarem depois de lá e ficarem como os potros quebrados nas corridas dos prados milionários.

Que resta aos futebolers em declínio, senão o mesmo futuro de invalidez e de fome que faz, em Portugal, os toureiros aposentados, pedincharem tostões, de muleta, no crepúsculo agitado dos redondéis?

Não sei qual a solução social que se dá ao caso dos jogadores inutilizados nos encontros e aos quais se nega qualquer renovação de contrato ou qualquer garantia que os socorra e indenize. Sei apenas que êles penosamente se mexem com aguanajoelho, canela furada, equimoses, tuberculosos e traumas, sem amparo e sem emprêgo, encostados muitas vêzes dramaticamente à família pobre, donde os arrancaram. E você, com uma invejável alegria, é um dos mais alentados padrinhos dessa transferência nervosa que faz escoar para os gramados as energias do povo, narcotizado nas parcas horas que lhe sobriariam para assuntar. Eis a orgulhosa fé de ofício com que você se apresenta, olhando com desafôro os que, como eu, nunca arranjaram assim, popularidade, êxito ou fixação nas prateleiras hierárquicas dêste fim de mundo.

Nas letras, também está você definitivamente colocado. A posteridade já o julgou. Não há prefácio, concurso de Miss Literatura ou banquete que possa reacender o fogo-morto de sua obra de ficção. Você é o Coronel Lula do romance nacional.

DESTINO DA TÉCNICA

— Pensei que você tratasse de outra maneira o assunto que abordou intitulado o seu artigo “O intelectual e a técnica.” Acreditei que você fizesse uma digressão mais profunda sobre as transformações da intelectualidade contemporânea, trazidas pelo desenvolvimento e conseqüente apogeu da era da máquina...

— E' um assunto tão vasto e tão candente que requereria não um artigo mas um vasto volume, se fôsse tentado o seu tratamento com o rigor de uma análise completa. Eu quis apenas dar um quadro da mudança de posição do intelectual, trazida por êste século. Pouco a pouco, o capitalismo, por bem ou por mal, perdeu o seu aspecto primário e grosseiro, aspecto que conservou enquanto pensava ser definitiva a vitória do lucro sobre a razão... E pouco a pouco vai-se entregando nas mãos da técnica e portanto do intelectual de nossos dias... E' a ciência que acaba derrubando a aventura...

— Se você conduzir até o fim o seu pensamento, acabará reabilitando tudo que foi por muito tempo desprezado. Quererá você insinuar que vão vigorar as loucuras de Augusto Comte e sua previsão de um govêrno do mundo por uma ditadura de sábios?

— De uma maneira inesperada e creio que transitória, é o que está acontecendo. Outro dia assisti Roger Caillois fazer diante de Samuel Ribeiro, a apologia entusiástica de um ponto de vista proposto por James Burnhams... Você conhece o livro intitulado “A revolução dos managers”?

— Não conheço, mas deve ser uma dessas construções fantasistas, ou se você quiser, dessas digressões originais e audaciosas pelo campo da erudição e da cultura, de que Sorokin parece ser o representante máximo nos Estados Unidos. Uma espécie de Welles mais sério e mais ao par...

— Talvez. Traz, em todo caso, a marca da literatura de uma era ciclópica, onde tudo se anuncia em grandes linhas. A sociologia que hoje interessa é justamente essa, uma espécie de sociologia de estádio, para ser vista na tela mais do que examinada no recolhimento de um gabinete de estudo. Justamente diante de Samuel Ribeiro que não escondia suas simpatias pela bota-de-sete-leguas de Sorokin e seus esquemas idealistas, o jovem cético francês opôs ao autor da “Crise de nossa época” a construção e a crítica do mundo moderno vista por Burnhams. Para êste novidadeiro, destinado a grandes êxitos, há um erro de termos que faz com que o mundo em revolução seja ainda julgado pela ótica social de Marx. No entanto, diz êle, o marxismo já foi superado e, em todos os setores, são os técnicos, isto é, os verdadeiros intelectuais da era da máquina, que tomam o poder, escapado das mãos aduncas e tôscas dos proprietários de valores. E pouco a pouco é o técnico que empolga a herança milenária dos latifundiários e a herança recente

dos empreendedores industriais. E' a ciência que governa...

— Que saudade você me traz da época em que eu brigava na Faculdade de Direito por causa do progresso retilíneo da sociedade, era um partidário exaltado do velho Pedro Lessa e queria com Moacir Pisa dar uma surra no padre-deputado Valois de Castro, por causa talvez de Herbert Spencer!

— Bem, no que há êrro é no retilíneo... Se êle tivesse utilizado como Marx da arma hegeliana de dois gumes, acertava no seu prognóstico progressista.

— Já vem você com a "dialética"! Isso é uma consagração do subterfúgio... E' uma palavra que liquida qualquer discussão... E' como o outracoi-sismo que o Léo Vaz quer tirar de Cocteau! Olhe, em certo cenáculo intelectual de Paris, proibiu-se o uso da palavra "dialética". Só assim...

— De fato. Quando sôbre alguém converge uma ponta de lança do pensamento lógico e vai-se assistir a uma espetacular empalação, o adversário desaparece no mais inédito desvio de corpo e fica sôbre o vácuo desconcertante a ofensiva mais promissora. Mas você não pode negar que a reabilitação provável do pensamento de Spencer só pode ser feita dialeticamente...

— Eu prefiro falar sôbre o precursor da sociologia de estádio que foi Augusto Comte...

— Os modernos são mais interessantes. Fizem-me há dias presente de um dos melhores livros de Edmund Wilson, intitulado "To the Finland Station". E' a sociologia de estádio com que a burguesia se despede nas mãos da técnica. Ou querendo continuar, se desvia no labirinto suspeito de Max Eastman...

— O trotskismo...

— A ficção social contra a ciência. E' o caráter que tomam essas bíblias da atualidade. Desde que os passos dos Césares foram anunciados pela sociologia ficcionista de Spengler, essas construções um pouco proféticas e muito saudosistas cantam o seu canto de cisne diante da vitória política da máquina.

— Aliás Spengler sentiu a catástrofe...

— Ele sentiu a derrota do homem fáustico, tornado nietzscheano e enfiado numa camisa ideológica. A sua exaltação do bárbaro tecnizado traz em si um pessimismo profético. Ele vê a proximidade do desenlace, o fim de uma contradição não dialética, mas lógica...

— Por quê?

— Porque se trata de uma contradição não suscetível de desenvolvimento e de progresso.

— Não entendo...

— Escute, a era da máquina traz no seu bôjo mais que as quatro liberdades de Churchill e, as sete de Wallace, traz em si a única liberdade a que o homem sèriamente aspira, a de se libertar da natureza pela técnica, a de se tornar o senhor e não o escravo da máquina. No entanto, que fizeram os pastôres cegos do individualismo? Utilizaram a ciência e a técnica para blindar suas legiões antropofágicas... Para espezinhar o vizinho e o antípoda em nome de princípios nascidos em outras condições econômicas e sociais...

— E hoje superados...

— Para desmentir portanto tôda a finalidade da ciência e da técnica, que é a paz e a igualdade entre os homens.

POESIA E ARTES DE GUERRA

O homem de bigodes ruivos fitou-me:

— Você rima com o pretérito perfeito!

De fato eu havia, sem perceber, cometido mais
êsse crime contra a carta poética do passado. Tinha
dito alguns versos ao homem sério:

Quando a luta sangrava
Nas feridas que sangrei
C'o alfinête na cabeça te deixei
Adormecida no bosque te embalei
Agora te acordei.

— Não sou eu que rimo. E' a poesia que vem
no infinito dos verbos, no gerúndio, no pronome.
Minha sacola é pobre. Tenho a ignorância dos can-
cioneiros e meus recursos não vão além dos da
"Gaya Scienza". Sou um homem da aurora.

Comprarei
O pincel do Douanier
Pra te pintar
Levo pro nosso lar
O piano periquito
E o "Reader's Digest"
Pra não tremer
Quando morrer
E te deixar
Eu quero nunca te deixar

Quero ficar

Prêso ao teu amanhecer.

Percebi que o homem grave tinha uma vontade decidida de me espancar.

— Escute mais:

Te apresentarei

Tomaz Morus

Frederico Garcia Lorca,

A sombra dos enforcados

O sangue dos fuzilados

Na calçada

Das cidades inacessíveis.

— Mas o que é isso? perguntou-me o homem severo, indignado.

— E' poesia de transição, poesia de guerra, poesia carro de assalto. Veja:

Transcontinental ictiosauro

Lambe o mar

Voa e revoa

A moça enastra

Enforca, empala

À espera eterna

Do Natal

Desventra o ventre donde nasceu

A neutra equipe dos sem luar

No fundo fundo

Do fundo mar

Da podridão

As sereias

Anunciarão as searas.

Outra noite, Abguar Bastos, o romancista de "Safra", entrevistando-me para a revista "Diretrizes", me fez dar um largo passeio pelo começo desta era que viu Danunzio e o embaixador Davies. O assunto era um velho assunto. Como é que começou a renovação literária no Brasil? Quem foi que inventou a Semana de Arte Moderna?

Em 22, nós, da Semana agimos como semáforos. Anunciamos o que se cumpriu depois, o que está se cumprindo a nossos olhos.

* * *

Já é frase feita dizer que nossa época é terrível. Nela campeiam, sem freio e sem censura, a brutalidade, a ignorância e a mentira. Mundo da usurpação, mundo da mistificação, mundo da sofisticação. As grandes influências do século? Danunzio para o amor, Dumas-pai para a política. Conan Doyle para a moral. Os grandes êxtases: O Gibi e o futebol.

Hitler nunca leu Nietzsche. Leu "Os três mosqueteiros". E o povo alemão vai atrás dos "Três mosqueteiros"!

Mas não há nada que se salve no meio disso? Há! Há o mundo novo que penetra pelas frestas abertas da guerra. A fogueira tomou conta dos sete mares, dos cinco continentes, do equador e dos pólos. O acelerado é dado tanto pelas metralhadoras da Wehrmacht, como pelas bombardas liberais dos ingleses. Mas quem começou? Quando começou? Por que começou?

Quando começou o pandemônio? Em 1917, com a entrada de Lenine na velha capital dos czares? Em 14, quando um estudante em Serajevo, alve-

jou o herdeiro do império austro-húngaro? Ou antes, na batalha naval de Suiushima? Ou na guerra dos Boers, que foi a primeira nota do século anti-imperialista?

* * *

Passe-se dêsse fremente quadro de acontecimentos para o campo das letras e das artes e ver-se-á como também aqui se pronunciou o caos do mundo novo.

Quando começou? Com o manifesto futurista de Marinetti, que afirmava ser a guerra a única higiene do mundo? (Ele talvez tivesse acertado se dissesse “de um mundo”, do seu mundo, isto é, do mundo de Mussolini). Teria começado com a geometrização dos primeiros cubistas, de Picasso e de Braque? Ou antes, no óvulo do impressionismo, quando Cezanne fêz tremer a certeza das oleografias geniais de Dominique Ingres? Ou com o gesto ingênuo do povo que vinha nos cartões postais do “douanier” Rousseau?

No Brasil, sabe-se quando começou. Foi com a Semana de Arte Moderna de 22, que precedeu de alguns meses o levante dos 18 do forte de Copacabana.

* * *

De fato, o julgamento contemporâneo não pode favorecer os artistas que exprimiam os tumultos de nossa época. Justifica-se a má vontade: — quem vê de perto não vê. E’ necessário horizonte, distância, perspectiva. E o público não possui êsses binóculos. A crítica também...

Ficam as fugas individuais para a mística e as fugas coletivas para os espetáculos murais. Uma

alucinação toma conta das massas, para quem um verso bom ou o bombardeio de Berlim tem menos importância que um gol de Teleco.

Mas a poesia persiste, cumpre sua missão, dá a sua mensagem. De libertária com Mário de Andrade, passou a madura e renovada com Sérgio Milliet. A pintura também. De Anita e Tarsila passou a Portinari, através de seu mestre Di Cavalcanti. A música também. De Vila-Lôbos a Mignone. A música, lá fora, já produziu em plena guerra a sinfonia da defesa de Leningrado. Shostacowsk.

* * *

Tudo isso me veio à cabeça quando deixei o homem ruivo e severo, profundamente chocado com os humildes versos que lhe disse.

Poesia e artes de guerra não podem ser frutos das vinhas da paz.

FRATERNIDADE DE JORGE AMADO

Dá vontade de permanecer. Dá vontade de pegar a viola e cantar. E' tal a fôrça sugestiva dêsse novo Castro Alves que a Bahia criou, que o Brasil homérico nêle se espreguiça e modorra como numa manhã do dilúvio.

Um dia no Rio, quando eu procurava na extinta editôra Ariel, de Gastão Cruz, um volume de "Serafim Ponte Grande", fui interpelado por um menino de buço que não conhecia, sôbre o estado de minhas relações com um poeta querido. Como essa amizade estivesse em crise, respondi: — Sou muito infiel... E o castigo veio. Nunca em tôda a minha vida de meio século, fidelidade alguma ia me prender como àquele adolescente que se chamava Jorge Amado.

Devo-lhe mais que uma ressurreição. Quando, depois de uma fase brilhante em que realizei os "salões" do modernismo e mantive contacto com a Paris de Cocteau e de Picasso, quando num dia só de debacle do café, em 29, perdi tudo — os que se sentavam à minha mesa, iniciaram uma tenaz campanha de desmoralização contra meus dias. Fecharam então num cochicho beigudo o diz-que-diz-que que havia de isolar minha perseguida pobreza nas prisões e nas fugas. Criou-se então a fábula de que eu só fazia piada e irreverência, e uma cortina de silêncio tentou encobrir a ação pioneira

que dera o "Pau Brasil", donde no depoimento atual de Vinicius de Moraes, saíram todos os elementos da moderna poesia brasileira. Foi propositadamente esquecida a prosa renovada de 22, para a qual eu contribuí com a experiência das "Memórias Sentimentais de João Miramar". Tudo em torno de mim foi hostilidade calculada. Aquilo que minha boa fé pudera esperar dos frios senhores do comércio, veio nos punhais de prata com que falavam os poetas, os críticos e os artistas. Resignava-me ao clima absoluto da solidão, quando encontrei Jorge Amado. E dessa criança que tinha escrito um livro — o "País do Carnaval" brotou uma tão tenaz e efusiva assistência a tudo que eu fazia, que agradei ao destino dirigido (dirigido sobretudo pela economia) a ingratidão de seleta dos meus antigos comensais. Ia reiniciar minha existência literária ao lado de alguém que representava realmente uma geração. E esse alguém se chamava Jorge Amado. Prosseguiu a luta e permaneceu a pobreza. Quando eu ia ao Rio, não mais para os estofos dos grandes hotéis, onde a imprensa me visitava, mas para um modesto quarto de 5\$000, num hotelzinho da Lapa que chamávamos de Robalinho-Palace, era Jorge que aparecia com outra magnânima inteligência que é essa de Queiroz Lima, para a realização de grandes manhãs de conversa e de grandes noites de café e cigarro. Já então êle publicara "Cacau" e "Suor" essa tricromia da miséria que o colocava ao lado de Michael Gold. Um dia trouxe-me "Jubiabá". E vi com espanto que o menino da livraria Ariel tinha escrito uma ilíada negra.

Nada talvez ganhe no Brasil, de 30 para cá, a importância de "Jubiabá" pela revelação de poe-

sia social que êsse monumento representa. Já disse em artigo que "Jubiabá" é um comício, o mais belo comício que o Brasil ouviu depois do "Navio Negro" de Castro Alves. E agora, essa atmosfera de comício e de epopéia atravessa da primeira à última página, essas "Terras do Sem Fim" com que, ao meu lado, êle inútilmente compareceu a um concurso internacional nos Estados Unidos. Confesso e deixo público, que se alguma coisa pode constituir honra para mim, é essa de ter sido colocado por um júri capaz, ao lado de Jorge Amado e vêr o primeiro volume de "Marco Zero" ter sido indicado com "Terras do Sem Fim" para representar o Brasil num certame literário estrangeiro.

* * *

Nas regiões do mito a psicologia tem um papel simplesmente motor. De modo que as figuras homéricas de Jorge Amado dispensam o aprofundamento interior. Elas são míticas, representativas e simples. Seu clima é a ação, sua persuasão é a aventura, sua finalidade é a sobrevivência, seu poder é a simpatia.

Está pois aí, fixado em coordenadas homéricas, o ciclo inicial do cacau na Bahia. "Terras do Sem Fim" transcende do romance, é obra de rapsodo e canto de bardo. E nada mais ajustado à natureza poética de seu autor, que aquêles desfilar heróico de capangas e sicários, de advogados e coronéis, de senhoras românticas e mulheres de má vida, no drama da conquista da mata pelos primeiros latifundiários baianos.

Não há figura que se destaque nesse livro admirável. O back-ground formiga de heróis vivos,

de heroínas puras e simples. As mulheres de Tabocas e Ferradas são de uma singelidade bíblica. Os negros matadores também. Tôda essa gente realiza, no Brasil do cacau, o primeiro avanço da civilização e da economia. E na economia, na história econômica da terra, é que se prende a ficção para lhe dar pêso, estrutura e verdade.

Jorge Amado realiza poderosamente sua ascensão anunciada em "Suor", magistralmente erigida em "Jubiabá". Eu já disse — ele é Castro Alves.

SÔBRE O ROMANCE

— Quando parecia que essa forma de explicar a vida e portanto de orientá-la, ia entrar numa crise semelhante à do papel tomou ela proporções qualitativas que, reunidas ao número de palavras tornadas necessárias ao cosmorama, deram o roman-fleuve.

— A França já havia reunido em 90 enredos a “Comédia Humana” de Balzac. Ficaram sendo exceção as jóias como o “Asno” de Luciano de Samosata, a “Princesa de Cléves” ou o “Werther”. O romance é sempre um tratado de filosofia, sem cátedra, sem terminologia especial e sem a responsabilidade de um sistema...

— Mas o que faz o romance é a criação. E’ a restituição da vida sofrida pelo romancista. O papel do inconsciente é enorme. Não há diferença entre essa restituição e a da poesia. A “Carta a um jovem poeta” de Rilke fica de pé. Quando a emoção se torna gesto, palavra... Converse com qualquer romancista de verdade e êle dirá a você que não tomou parte consciente na elaboração de suas figuras... São uterinas. Sofreram uma laboriosa maturação interior onde a censura não interveio...

— Claro! Mas a cultura que não passa de censura é que dispõe da trama. Veja o debate do romance moderno como se tornou um debate cultural, um debate ideológico...

— Quando começa o romance moderno? Eu creio que começa com as “Memórias” de Casanova...

— Não diga isso. Então remontaríamos a Rabelais... Falemos do romance cronològicamente moderno. Deixemos até Flaubert e o Casanova objetivo que foi Maupassant... Deixemos isso tudo.

— Começemos então com Apollinaire...

— Não. Apollinaire foi uma proesa modernista. Mas eu quero o romance mesmo.

— Então, quem é que começa o romance moderno?

— Joyce. Guarde a data da publicação do “Ulisses”.

— E Thomaz Mann e Proust?

— Você citou bem. Mas ambos terminam e não começam. Terminam uma civilização. E’ preciso, no entanto, não confundir Mann e Proust, seria confundir a Alemanha com a França. Nem a ginástica da dupla Hitler-Petain conseguiu isso. Mann é o fim do rápido e fulgurante humanismo alemão, digo alemão porque o humanismo continua... Enquanto Proust é a deliquescência a que chegou o laboratório da auto-análise da burguesia...

— Não se esqueça de que a burguesia saiu do humanismo.

— Enterrou o humanismo. Olhe a Alemanha, vive de mitos, cai de mito em mito e por isso eu nunca acreditei na burguesia alemã. A burguesia é realista, é inglesa. Não produz Rosebergs. A Alemanha prosseguiu o seu feudalismo até hoje e por isso eu vejo o individualismo burguês como uma corrupção do humanismo, falo do humanismo clássico, o de Roterdão que deu Erasmo, como o de

Giordano Bruno. A França só teve um humanista Montaigne. Depois disso foi cortesã ou regicida...

— Vamos parar! Você quer falar do romance ou não? Você nega que a França tenha dado os maiores romancistas do século passado? A Alemanha não cultivava êsse gênero.

— A Alemanha deu só dois romancistas até hoje. Ambos do século 19. Goethe e Mann.

— Mann está vivo nos Estados Unidos.

— Eu sei. Mas você não entende que, melhor do que ninguém, êle exprime o século passado? Mann é Goethe nos nossos dias, e não sai das fronteiras de Weimar. E' incapaz de compreender o mundo atual. Estamos vendo isso na sua paralisia ante os acontecimentos desta guerra. Talvez porque tivesse feito o levantamento de uma cultura, a cultura humanística brotada da *Alfklarung*. E ficasse marcado por êsse esforço. Há um romantismo que começa em Goethe e termina em Mann. E' um ciclo. O romantismo que ficou clássico, porque justamente escapava ao que a burguesia tem de mais sincero e repugnante — a exaltação do lucro, frio. Ainda aí a Alemanha é diferente. Ela continua na Floresta Negra, devido, com certeza à derrota dos camponeses rebeldes que a Reforma sagrou...

— Você tem razão nesse ponto. Hitler quando conspirava contra o mundo e planejava os seus golpes espetaculares de Munich a Estalingrado, ia se inspirar, não nos mapas e gráficos dos seus estados maiores técnicos. Ia para a floresta...

— Berchtsgarden. E' Wagner. E' Nietzsche, sua modesta contradição. E' Bachofen. As tribos matriarcais... da velha Germânia. Mas não é Goe-

the nem Thomaz Mann. Êsses formam um arco de cultura humanística diverso...

— E o romance?

— Estamos com êsses dois sucessores de Leibnitz, estamos no Romance. A Monada. Nem o jovem Werther nem os Buddenbroks saem dessa linhagem da cultura anti-burguesa. Há um drama célebre que nos dá a medida feudal de tôda a sensacionalização de que o alemão sofre, devido ao seu imenso atraso social...

— A Honra... Sudermann...

— Isso mesmo. A não ser na "Montanha Mágica" onde a Europa anterior a Lenine se defronta, analisa e exprime — que grande livro! — a não ser aí, todo Mann com seus hamburgos encastelados no comércio, não está longe dos "niebelungen" e portanto, dos corredores fantasmais de outro enorme poeta — Rilke...

— Mas o romance?

— Há um só romance alemão que se distancia bem das trompas de Lohengrin. E' Werther tornado Hans Castorp que vê um século inteiro — o século que há entre ambos — passar numa ilha cultural para onde foram conduzidos alguns naufragos da tuberculose e do mundo burguês... Não há solução em Mann...

— Há! Não diga isso! Você não pode negar a importância daquele grito final da "Montanha Mágica"...

— E' o grito da cultura humanística contra a guerra... Mas o próprio Mann não soube achar o caminho para o dia seguinte da batalha do Marne... caminho que já fôra encontrado a Leste. Meu caro, em matéria de romance nada há que marque o comêço de nossa era como um romance russo da

última década. E' a "Energia" de Gladkow, o seu grande livro, é o livro da humanidade que hoje os acontecimentos descortinam. E' o romance da construção socialista. Então, já com êste novo marco, você pode ver claro na matéria que debatemos. Há um marco final que é dado pela "Montanha Mágica". Um marco inicial dado pela "Energia", de Gladkow. E um grande marco antinormativo que é o "Ulisses" de Joyce. O resto é sub-literatura.

— E Gide? E os ingleses. E Fontamara?

— Um só inglês salvou a Inglaterra da Dunquerque intelectual, que voluptuosamente anunciava o gandismo de Huxley e êsse apodrecimento erótico-espiritual que representa Charles Morgan... Foi um deus que passou sem dinheiro pela terra. E' D. H. Lawrence, o virilizador de todo um momento de vacilação. E veja você que espetáculo nos ofereceu a burguesia mais avançada do mundo nessa época! Foi preciso uma monstruosa operação escatológica para restabelecer a harmonia do "homo-faber", perdido entre detectives e preconceitos, nos últimos labirintos do platonismo e da necrofilia... Morgan!

— Ficam três então... Três romances. A "Montanha Mágica" o "Ulisses" e a "Energia".

— E Lawrence, em função da decadência a que chegou a sua classe... Uma decadência que deu o clarão psicanalítico de Proust, as colegiadas de Gide e de Cocteau.

— E a ala vanguardeira... Aragon e Malraux?

— Uma espécie de comité de libertação do mundo... com muita glória e poucas armas...

— E a América? Você se esqueceu da América...

— A América forneceu a mais bela ilustração para a “Energia” de Gladkow. A cidade de amanhã tem ainda uma retaguarda agrária. E’ o caminhão que percorre as “Vinhas da Ira”.

— Ora! Você só fala piada...

QUAL O MUSSOLINI QUE VAMOS ENFORCAR?

A quinta-coluna, para ser eficiente, tem que ser polimorfa. Sua caveira utiliza uma duzia de máscaras, a fim de que, dissimulada e garantida, possa atuar nos setores mais vários da vida civil ou da vida militar. Ora surge ameaçadora e direta, ora mansa e cândida, ora intelectualizada e distante. Ou hasteia um pavilhão filosófico ou se esconde por detrás de um credo religioso ou se enovela na estatística e na sociologia. Sua grande proeza é, porém, enrolar-se na bandeira nacional de cada povo. Segue a manha dos mestres. Foi para salvar a Itália do caos, que Mussolini criou o fascio. Foi para arrancar a Alemanha da derrocada e da comuna, que Hitler inventou o nacional-socialismo. Hoje, depois da carnificina provocada pelos dois "salvadores" — os exércitos eixistas, são destruídos a leste, pelas bandeiras invictas de Stalin e perdem a Sicília para as forças da democracia.

Só a burrice pesada e a malandragem alígera não compreendem que a estrutura íntima dos sistemas mais opostos foi posta à prova e que uma insanável desmoralização atinge os falsos regimes construtores, os falsos patriotismos e os cruéis nacionalismos de fachada. Essa chantage de aliviar o mundo de dragões imaginários foi empregada até os últimos tempos pela bôca facinorosa da propaganda eixista. O fascio, como o nazismo, persistiam nos seus bons propósitos. Queriam "salvar". Quan-

do não era para salvar o mundo ocidental do “caos asiático” que Lenine deu à Rússia, era para salvar os cordeirinhos enfeitados da terra, das garras do imperialismo anglo-americano. Evidentemente foi pôsto à prova o “caos” russo como a “ordem italiana” e a “decadência” da democracia. Bastou a bota invasora pisar a fronteira soviética e milhões de quislings pulularam. Não houve nem Moscou nem Stalingrado nem guerrilheiros ressuscitados dentre montões de cadáveres para estagnar a morte mecânica dos “tanks”. E a Inglaterra continuou a brigar de guarda-chuva. Ao contrário, ante a invasão da Sicília, a camisa preta enfunou no peito atlético da Itália fascista. E da sacada do palácio Chigi, em Roma, o duce (que podia ter recebido, para tranqüilidade do seu povo, aquela bala profética do general Capielo) pôde afirmar ao mundo que o salvara das garras da desordem democrática e da incapacidade construtora do marxismo.

Vejamos como Hitler e Mussolini puseram a serviço da humanidade os seus préstimos. A Abissínia inerme foi tomada pelas tropas blindadas e pelos gases químicos do marechal Badoglio. Evidentemente não se trata do mesmo que deu agora um chute no fascismo. Como há dois Mussolini, há dois Badoglio. Depois da Abissínia, foi a Albânia. Para demonstrar os sentimentos conservadores e apostólicos da camisa preta, a Albânia foi invadida numa sexta-feira maior. De outro lado, Hitler ocupava militarmente o Ruhr. E veio a Áustria. O regime legal e domacrático de Dolfus viu-se engolido por uma onda de assassínios. O bom banditismo — destinado a salvar o mundo — retalhou a Espanha e afogou-a em terror. Uma palavra arcaica, trazendo o môfo trágico das arcas coloniais, foi

criada depressa. Era com o “caudilhismo” que os salvadores iam ditar à sociedade normas de bem viver. Depois da Espanha, veio o martírio público da Tchecoslovaquia. Consumou-se aquela pavorosa operação de Munich, sem anestesia, sob o guarda-chuva cúmplice de Chamberlain. E o mundo viu o resto.

* * *

Essa montanha de absurdos titânicos que as condições históricas do progresso humano repeliam, tem agora, na boca dos gatos-pingados do fascismo, uma justificativa — Mussolini foi um grande homem porque ensinou a Itália a tomar banho. De quê? De sangue! E pôs os trens nos horários? Para quê? Para chegar à hora certa nos encontros do Passo de Brenner, onde iria conspirar contra milhões de vidas humanas e decretar a destruição implacável da Europa inteira!

E' preciso abrir roda em tórno das carpideiras açodadas que fazem o velório do fascismo. Quanto mais o choro fôr de grande estilo, mais êle merecerá cuidado. Não quero acreditar de modo nenhum nas más intenções dos que têm a calva verde à mostra. Há nos que ousam num momento dêstes arriscar uma lágrima política pela morte pouco espetacular do Duce, um certo desprendimento que não existe nos que pretendem a todo custo concertar irremediáveis situações ideológicas. O que me preocupa, não é a traição barata, feita a prestações de sorrisos, penitências e conselho. E' a grande traição à marcha humana, tentada por certos solitários que o saudosismo de eras idas prestigia e convoca.

* * *

Se o caos reacionário de hoje fôsse possível de pessoalmente se apresentar, traria o nome do sr. George Bernanos. A confusão que êle desprende torna-se oracular. E' como se agora, nestes dias de agonia de Hitler, fôsse publicada em primeira edição, para intervir no debate do mundo novo, a "Comédia Humana" de Balzac. Não na sua sólida construção romântica, mas num minado e palavroso panfleto, onde todos os esgares e todos os arrastapés, curvaturas e continências cortesãs do passado quisessem se misturar aos brados da luta multiforme que se trava contra o capital. Apenas uma diversão — o sr. Bernanos assovia o capitalismo, com a gravidade daquele bispo que salvou Jean Veljean n' "Os Miseráveis". E quer transformar o mundo, deixando aos pobres "a felicidade" de não ter o que comer, enquanto os ricos podem continuar a tubaronar à vontade, porque Belzebuth é dono de suas almas e de seus desprevenidos destinos.

De modo que em nada me espantou o gesto do autor do "Curé de campagne", acendendo também sua vela fidalga ante o esquife político de Mussolini. O sr. Bernanos conhece a etiquêta. Para um intelectual que beija a mão de príncipes palermas, (não porque sejam palermas, o que constituiria um ato de humildade cristã, mas porque são de sangue azul, (olá!) não seria de bom tom deixar de pingar cêra no cortejo final do condotiere.

O sr. Bernanos é contra a idolatria do dinheiro. Hitler também era. Mussolini também. O socialismo do pintor de tabuletas e a "revolução" do inventor da Itália "proletária" deram a guerra. O sr. Bernanos conservou-se historicamente mais modesto e reservado. Não teve nem sacadas nem es-

tádios. Felizmente. Engoliria o mundo, em vez de galvanizá-lo. Porque a sua forma de anarquismo cristão mata à distância. Não é pessimismo o que d'êle emana. E' tédio, o tédio dos avós que vivem demais e querem a tôda ocasião contar seus namoros frustrados, suas desventuras banais, suas delusões e seus mêdos.

* * *

Está provada a unidade do troglodita. Hitler-Mussolini, os produtos carnaís da grande indústria burguesa, deram ao mundo a imagem do homem da caverna tecnizado. Contra êle ergueu-se o homem social, tecnizado também. Agora, quando o primitivo estertora, aparece vestido de vigário o sr. Bernanos. E que oferece o viático do sr. Bernanos? A verdade, a unção, a Marselhesa, o Código Civil, a Restauração, enfim tudo que atrapalhe, retarde e distraia o saneamento do mundo.

ANTES DO "MARCO ZERO"

Segundo o sr. Antônio Cândido, eu seria o inventor do "sarcasmo pelo sarcasmo". Meio século de sarcasmo! Contra quê? Contra o vento a quem a Prefeitura e o poeta Guilherme de Almeida entregam as fôlhas dos plátanos e as pernas das normalistas! A minha pena foi sempre dirigida contra os fracos... Olavo Bilac e Coelho Neto no pleno fastígio de sua glória. O próprio Graça Aranha quando quis se apossar do modernismo. Ataquei o verbalismo de Rui, a "italianitá" e a "futilitá" de Carlos Gomes, muito antes do incidente com Toscanini. Em pintura, abri o caminho de Tarsila. Bem antes, fôra eu o único a responder, na hora, ao assalto desastrado com que Monteiro Lobato encerrou a carreira de Anita Malfati. Fui quem escreveu contra o ambiente oficial e definitivo, o primeiro artigo sôbre Mário de Andrade e o primeiro sôbre Portinari. Soube também enfrentar o apogeu do verdismo e o sr. Plínio Salgado. Tudo isso não passou de sarcasmo e pilheria! Porque a vigilante construção de minha crítica revisora nunca usou a maquilagem da sisudez nem o guarda-roupa da profundidade. O sr. Antônio Cândido e com êle muita gente simples confunde "sério" com "cacete". Basta propedêuticamente chatear, alinhar coisas que ninguém suporta, utilizar uma terminolo-

gia de in-folio, para nesta terra, onde o bacharel de Cananéia é um símbolo fecundo, abrir-se em tórno do novo Sumé a bocarra primitiva do homem da caverna e o caminho florido das posições. O caso do sr. Antônio Cândido é típico. Estão aí, da sua idade, com valor tão ou mais autêntico do que o seu, o sr. Luís Washington, o sr. Rui Coelho, o sr. Mário Schemberg, o sr. Edmundo Rossi, o sr. Almiro Rolmes, o sr. Carlos Kopke e outros, mas o "crítico" ficou sendo êle. Fala já por delegação da posteridade e em nome dela decide. Para isso, de dentro do capote da "seriedade" tira economicamente três sorrisos: um sorriso fino, um sorriso cético e um sorriso mineiro, neste último entrando algum latim e muita malandragem.

* * *

Foi com o sorriso fino que o sr. Antônio Cândido encerrou o seu artigo de domingo. "Mas não será isso uma questão de gerações?"... Traduzindo, quer êle dizer que a geração de 22, que me deram de presente, "esquece freqüentemente no entusiasmo do ataque, que o fundamento ético da crítica é a análise justificativa". Tomo com todo respeito êsse período que é uma jóia de forum, e vou mostrar como a análise que acaba de fazer de minha obra o sr. Antônio Cândido é, ao contrário, um modelo de leviandade carrancuda. Vou apenas pôr à frente do seu professoral azedume a crítica serena e minuciosa, refletida e ilustre, de outro professor, o sr. Roger Bastide, sôbre o meu primeiro livro. A autoridade que invoco, não é a do catedrático de Sociologia da Faculdade de Filosofia, de quem o sr. Antônio Cândido é o assistente. E' a

do crítico mesmo, o crítico interessado, culto e constante que produziu entre todos, aquêlê estudo magistral sôbre a paisagem em Machado de Assis. Diz o sr. Antônio Cândido: "Feliz como solução técnica, "Os Condenados" são um romance falho como criação de personagens, como expressão de humanidade." Afirma o professor Roger Bastide: "Nesse sentido (do sentimento amoroso brasileiro) "Os Condenados" ocupariam no Brasil uma posição análoga à que ocupa na França "Madame Bovary". E' o fim de uma certa concepção do amor, é o ponto final de uma época que começou com Machado de Assis. Machado é a introdução do amor romântico no interior da família burguesa; Oswald é a decomposição dêsse romantismo amoroso." O sr. Antônio Cândido, multiplicando tôda a sua argúcia cultivada no convívio universitário, não viu nada disso. A humanidade d' "Os Condenados" já fôra, no entanto, percebida há vinte anos pelo sr. Carlos Drumond de Andrade que dizia: "Êsse romancista sabe torturar e sabe emocionar como os russos." E até pelo sr. Afrânio Peixoto que situava meu romance de estréia entre Charles Louis Phillippe e Dostoievski. Monteiro Lobato afirmava: "A vida de Luquinhas ressalta vivida, primorosamente cinematografada." E o sr. Astrogildo Pereira, cuja importância é indiscutível, disse: "Os Condenados" são o livro de uma geração." Mas vamos defrontar ainda. Afirma o sr. Antônio Cândido: "São tentativas falhadas do romance revelando aliás um Oswald de Andrade diferente da lenda: profundamente sério, não raro comovido e roçando freqüentemente, por inabilidade, pelo ridículo de um patético fácil e gongórico." Êsse patético, fácil e gongórico é visto assim

pelo sr. Roger Bastide: "A arte do sr. Oswald de Andrade não é uma arte de análise, mas de síntese, de construção e de condensação poética." "Ritmo geral, do começo ao fim do livro, de uma fatalidade não externa, mas interna, interior a um mundo, e que o puxa de catástrofe em catástrofe, de tempestade em tempestade..."

Bastaria para ilustrar a acusação que ficou no ar de que a geração do sr. Antônio Cândido é "séria" e a de 22 "leviana", a presença nesta do sr. Sérgio Milliet. Evidentemente há um pequeno equívoco no afirmar que a "seriedade" no Brasil teria começado com o sr. Lourival Gomes Machado ou com o sr. Ciro T. de Pádua, ou com o próprio sr. Antônio Cândido. Aliás, o sr. Antônio Cândido é mestre nessas descobertas: a poesia brasileira começou com o sr. Rossini Camargo Guarnieri... Em 22 tínhamos paralelamente a nós Gilberto Freyre. E a autoridade crítica do sr. Prudente de Moraes Neto garante que a brasilidade atual de nossa literatura decorreu de dois escritores — do sr. Gilberto Freyre e de mim. O grave João Ribeiro já dissera: "O sr. Oswald de Andrade com o "Pau Brasil", marcou definitivamente uma época na poesia nacional."

Sou obrigado a desatar êsse maço de cartas de namorado para confirmar o que insinuei: que o sr. Antônio Cândido é que é trêfego, leviano e mineiro (mineiro no caso significa aluno do Caraça e sovieta). Pelo menos êle o foi nesse artigo açodado de paixão partidária, mais feito a pedido de diversas famílias, para atirar um salva-vidas ao naufrágio modesto do sr. Tito Batini, do que para me situar. Disponho-me a fazer chegar às mãos do jovem crí-

tico as “Memórias Sentimentais de João Miramar”. E aviso-o de que se trata do primeiro cadinho da nossa prosa nova. Prosa de que inútilmente os modernistas tentaram fazer moeda, pois veio logo o grupo — grupo e não geração do sr. Antônio Cândido, voando pesado como Santa Rita Durão, normativo e gravibundo como se descendesse de Buhlão Pato.

Eu costume atirar a bola longe, não tenho culpa dela passar por cima da cabeça do sr. Antônio Cândido e ir atingir sensibilidades mais vivas, mais altas ou mais jovens. Ele não deu nenhuma atenção, no seu balanço, à minha obra poética nem à profecia de meu “Teatro”. Outros darão. Para ele será falho “Serafim Ponte Grande”. Mas outros possuem os códigos úteis à exegese dêsse gran-finale do mundo burguês entre nós. Também para mim vai ser, entre outras delícias, uma experiência a prova dos nove que espero com a próxima publicação do primeiro volume de “Marco Zero”. Quero ver como se portam o sr. Antônio Cândido e seus chato-boys.

* * *

Uma informação que tenho a dar à juvenildade do crítico que me ataca é a seguinte: Gôngora foi reabilitado. Hoje não é nenhum desafôro chamar de gongorismo ao feito estilístico ou verbal de alguém. Há quem afirme que de Gôngora saiu Malarmé, que dêle brotou a trama expressional e luxuriante dos surrealistas. Quanto ao “gongorismo psicológico” dos meus velhos personagens da “Trilogia” é um erro a mais. Eles são românticos e filhos, portanto, de uma deformação de ângu-

lo que em nada é gongórica. Seriam mais rolandescos. Aliás, Gôngora é o oposto do cinema. E o sr. Antônio Cândido afirma ser eu o iniciador da técnica cinematográfica do romance, pelo menos no Brasil. No que ficamos? Sou gongórico ou cinematográfico? A elucidação culta do professor Roger Bastide decide, pondo em destaque a fotomontagem d' "Os Condenados". "Não nego que o estilo seja o estilo poético, pela sua riqueza, pela côr de seu vocabulário, a música de suas frases. Mas a poesia está sobretudo nessa brusca irrupção no meio das imagens presentes, das imagens passadas, imagens herdadas, sejam conquistadores portugueses ou negros portadores de bandeiras, "pedaços anacrônicos de meia-idade", em plena São Paulo trepidante, febril, para a conquista do futuro. Não conheço nada mais belo no livro que êsses momentos de super-impressão onde através dos arranha-céus que se elevam, os andaimes de construção, as usinas gigantescas e os homens ocupados na rua, bruscamente o Amazonas, o Amazonas da infância, da infância de Alma e de Jorge, desemboca rompendo tôdas as frágeis barreiras da civilização e rola na sua onda formidável, seus troncos de árvores por entre os automóveis, suas ilhas arrancadas da margem por entre os cordões do Carnaval e afoga sob as águas do fundo da memória o atelier do escultor..."

* * *

Quanto ao sr. Tito Batini, êle me apareceu com a mais alta das credenciais. Era um ferroviário que queria escrever. Se todos os ferroviários, que garantem com os seus braços o movimento e a vida

do país, houvessem tido os estudos e as folgas que a burguesia oferta aos seus rebentos, com certeza eu e os modernistas de 22, o sr. Antônio Cândido como os homens da sociografia, teríamos pela frente uma vigorosa equipe que representaria sem dúvida, mais do que nós, o presente e o futuro. Essa consideração bastaria para me fazer receber com efusiva acolhida o seu esforço. Além disso, uma especial gentileza fazia o sr. Tito Batini levar à minha casa os seus originais, antes de dá-los ao editor. E', pois, uma inverdade do sr. Antônio Cândido dizer que eu critiquei sem analisar. Analisei mesmo antes do sr. Octales Ferreira. Mas analisei penosamente, por que aquilo não era livro nem aqui nem em Lourenço Marques. Que faria a honestidade do sr. Antônio Cândido no caso? Eu disse ao estreante com franqueza o mais delicadamente que pude, o que pensava. Ele trazia consigo um bom material, mas sua obra se ressentia do verdo-lengo e do tósco. Era preciso esperar, amadurecer. Um romance não se faz sem um longo recolhimento ou sem uma vocação excepcional e irrevogável. Dêsse dia em diante perdi um admirador. E se fêz, fogueteiro, o lançamento do escriba. O seu volume foi apadrinhado pelo guerrilheiro Rubem Braga, premiado por "Diretrizes", traduzido pelo sr. Putmann... Se houvesse prêmio Nóbel, êle não escapava! Ao lado disso começou a brotar no editado uma importância insopitável. Ficou um pequenoburguês triunfal! Ofereceram-lhe um almôço. Deu filantrôpicamente o almôço. Depois escreveu um artigo. Um artigo com prefácio. "Pequeno romance de um almôço." Começou assim: "Prefácio — O título veio depois, quando bondosos amigos resolveram

publicar essas sílabas reunidas." Sílabas reunidas... Quem é que disse que o inconsciente também não faz piada? Essa não é minha, saiba o sr. Antônio Cândido. E' do seu afilhado póstumo. Este trecho de seleta que aí vai também não tirei do diário de Serafim Ponte Grande. E' dêle: "Agora estou andando pelas ruas vendo o povo que vibra e me lembrando da homenagem. Vou escrever uma carta!"

AQUI FOI O SUL QUE VENCEU

A rapidez com que vão se processando os fatos dêste século fêz do homem um ser onipresente e tumultuário. O desastre que vitima aqui um passageiro de avião pode ser, imediatamente, sentido por um amigo seu da América do Norte, como o atropêlo em que se despedaçam as divisões panzer na Ucrânia, entusiasmo diante de um placard de jornal ou à voz de um microfone, à mesma hora latitudinal, um chinês, um australiano, um canadense e um brasileiro de Brotas ou de Goiânia. Tudo se atropela e justapõe. E as proesas outrora herméticas do surrealismo e do cubismo, são hoje menos complexas e obscuras que a contínua fotomontagem processada na cabeça quente do homem cotidiano e normal. Foi isso decerto que fêz com que um jovem se reclamasse o prestígio de pertencer à geração de 12 de agosto de 1939, pois que agora era assim: após a geração de 22 que sucedeu a de Machado de Assis, tinha aparecido penosamente a de 30, em seguida a de 35, depois a de 36, a do 1.º semestre de 1937, a do 2.º, enfim, a dêle. E como eu lhe perguntasse que tinham feito essas gerações, respondeu-me: — Estudado problemas.

Na cabeça problemática dêsse rapaz o que havia era uma doença nova de que só a fotomontagem, no campo da ótica, pode dar um aproximado paralelo. Por fotomontagem, um bígamo casou três vêzes com a mesma mulher, só porque ela tinha outra cara, e um "business-man" conseguiu descontar o mesmo cheque em dois bancos. Por fotomontagem um sujeito morre e continua vivo transferido no sucessor conjugal, o que provoca pavorosas mágoas sentimentais no morto. Tudo se mistura, se interpenetra, é metade de uma coisa, metade de outra, peixe e lanterna, prego, astral e telefone. E um rebanho disciplinado e temeroso luta pelas monstruosidades do fascismo pensando que luta pelo espaço vital de seu povo, indo acabar sem pão nem terra, com a singular agravante de ainda provocar a inesperada fome de outros sonhos de espaço que dormiam. Ladrão veste de polícia, guarda-noturno leva galinha e um padre, segundo contou o professor Berardinelli, apareceu com uma icterícia de recém-casado. Para essa barafunda espetacular, existe uma caixa onde débito e crédito são acareados no fim da labuta trágica de cada dia mundial. Essa caixa se chama "Wall Street", e sôbre ela se ergue sólido e intransigente o burguês americano. Se o burguês foi uma figura simpática, e até revolucionária na história dos direitos das cidades e objeto mesmo de uma obra-prima de Rodin, uma coisa êle perdeu quando, tornado megalomano na América, se despiu da pouca ética que trazia na sua sacola de imigrado para se tornar o rei do prego, o príncipe do cachorro-quente ou o caudilho da parafina.

A América do Norte teve êsse condão de despojar das últimas amarras da velha sensibilidade

humana o seu burguês nativo, fazendo dêle um titão coroadado com tôda a camelote analfabeta que o novo rico carrega em sua saudade.

* * *

Não serei eu quem vá acusar e lamentar que a industrialização americana tivesse ido até à guerra fraticida para libertar os escravos negros do sul. Mas que fêz ela depois? Não deixa o negro entrar em restaurante, nem andar de bonde, fecha-o no campo de concentração de Harlem e inventa uma forma inédita de se exercerem os direitos do homem branco — a linchocracia.

No desenvolvimento do atual conflito, o negro dificilmente conseguiu formar batalhões para combater pela liberdade dos outros. Não me consta que tenha sido admitido nas elites aliadas que encabeça a águia americana. Nesse assunto, uma grande lição tem pregado ao mundo a viva Inglaterra do "commonwealth", incorporando em seus exércitos vigorosos, tudo, até o próprio inglês. O inglês vindo de qualquer deserto, ilha ou iceberg se bate, bate-se o americano e vai bater-se o brasileiro. Agora, que a cozinha da vitória funciona perfeitamente atirando à mesma lata de resíduos o grande fundador do "Impero" italiano, o "fuehrer" da raça imaculada e tôdas as galinhas verdes da cancerosa repercussão totalitária, cumpre dar uma espiada na manhã que vem surgindo. Para que foi tanto sangue gasto? Para que tantas mães choraram seus filhos desaparecidos nas terras de ninguém? Para que tantas viúvas moças se amor-

talharam e tantas crianças de tantos países vieram a conhecer o desespero e a orfandade? Para, entre outras brincadeiras, continuar intacto o mundo dos negros apartados como animais pelo sólido burguês de "Wall Street"?

Perguntar-me-ão que tenho eu com isso, e eu responderei que neste Brasil luso-afro-europeu, nós representamos a vitória da civilização do Sul, vencida lá em cima pelas indústrias do Norte, no ano decisivo de 1866. E por essa razão, aqui o negro labuta, ama e produz irmanado pelo suor que o branco de qualquer extremo da terra vem trazer à construção de uma pátria nova que sempre quis ser livre.

* * *

Enquanto, nessa guerra de secessão, entre o Norte industrial e Sul agrário, se decidiu por aquêle o destino setentrional da América, o Brasil dormitava no interior dos currais, dos engenhos e das fazendas, mas no litoral andava numa estica que fazia inveja a Picadilly. Essa imagem do homem grave, de sobrecasaca e cartola, diante do mar, que vigora como símbolo da monarquia letrada entre nós, não tem somente o êxito de uma caricatura. Há nela qualquer coisa de comovente. Ela indica também, em meio da nossa confusa e retardada formação, à bússola que nos orientou na direção das conquistas e vantagens da independência. Percorram-se alguns livros indicativos da nossa progressão civilizada e veja-se como Nabuco e Eduardo Prado estão aí para acentuar a sólida repulsa que sempre nos ocasionou o homem de negócios insensível e frio, com olhos de

dólar e unhas de coveiro, falando um "slang" de dar dor de ouvidos e incapaz de entender o nosso "homem cordial" que muito bem identificou Sérgio Buarque de Holanda em suas "Raízes do Brasil".

No entanto, na própria América do Norte, temos uma faixa irmã — é a Luisiânia latina, católica e mestiça. Com essa podemos coincidir e nos entender. Não sem razão Gilberto Freyre volta para ela os seus amôres e preferências. Mas ela representa o Sul, vencido pelo industrialismo setentrional que dá o tom, o relógio e o câmbio ao mundo moderno. Se o Brasil é também o Sul, isto é, a mesma expressão de cultura agrária e sentimental, torrão de boa vontade e pátria do "melting-pot", aqui não sofremos ainda a interferência deformadora dos grandes "parvenus" da era da máquina. Ao contrário, entre nós alastrou-se e criou raízes em coordenadas de superior inteligência humana, a característica civilização luso-tropical que nos ensinou a igualdade prática das raças e boa vontade como elo do trabalho, da cooperação e da vida. No continente americano, o Brasil é o Sul sensível e cordial que venceu.

* * *

Os puritanos do May-Flower não levavam somente a Bíblia para seu exílio fecundo, levavam também, além de espingardas, o livre exame, que havia de dar o gigantismo de Carlyle, a verticalidade individual de Emerson e a Gestapo do super-homem nietzscheano. Evidentemente é Emerson quem melhor representa na América esta ascensão embriagada na direção dos cimos burgueses.

Só a liberdade do lucro, asseguraria para os seus pró-homens a vantagem mosaica da comunicação pessoal com Deus. Aos domingos. Pois, já se disse — na segunda-feira é com os advogados e demais exatores do capital que se entendem os varões de Wall Street, para mandar cristãmente esfolar a pele do próximo durante o resto da semana. Orgulhosos e distantes, montando guarda às suas prerrogativas que vão do racismo à usura, do tubaronismo à prepotência, são eles que agora se aproveitam do último ato da guerra para jogar no chão as conquistas da “New Deal” e contrariar a orientação intervencionista e humanitária de Franklin Delano Roosevelt. E pior, querem fazer comparecer à mesa da paz, a íera insatisfeita dos seus apetites seculares. E’ a palavra autorizada do vice-presidente Wallace que adverte o mundo contra a ameaça dessa “nova tirania”. Escutemo-la: “Há poderosos grupos que esperam tirar partido da concentração de poderes no esforço de guerra para destruir tudo quando Roosevelt tem feito nos últimos anos... Não era de desejar uma paz que nos livrasse do fascismo para cair sob o jugo dos governos de gangsters manobrados por trás dos bastidores, pelos imperialistas enlouquecidos pelo poder do dinheiro”.

* * *

Tôda vez que vejo um enviado cultural americano, lembro-me de um jurista que encontrei nas ruas escaldantes de Dakar, quando êste pôrto da África Ocidental Francesa não era ainda o trampolim frustrado da aventura nazista.

Eu ia só no difícil afã de identificar naquela África áspera e solar, alguma coisa de minha terra, a comida, os costumes imediatos, os pretos altos e hercúleos, quando vi o americano de cachimbo chapéu tropical e bengala imperialista passeando também. Era tal a cara de nojo que destilavam os seus passos conquistadores, que senti pouco a pouco uma irmanação sentimental chorar no fundo de minha alma brasileira, por aquêles Ibrains que serviam os brancos com a humildade animal herdada dos afagos e ternuras da primeira conquista. E senti, mesmo antes de ser politizado na direção do meu socialismo consciente, que era viável a ligação de todos os explorados da terra, a fim de se acabar com essa condenação de trabalharmos nos sete mares e nos cinco continentes e de ser racionado o leite nas casas das populações ativas do mundo, para Nova York e Chicago exibirem afrontosamente os seus castelos de aço, erguidos pelo suor aflito e continuado do proletário internacional.

* * *

Sociólogo ariano é, entre nós, geralmente prêto. Não sei que curiosa abstinência de altos direitos usam os que só deviam se orgulhar da mistura milionária que nos trouxe a África, com seus grandes nagôs, seus filões de cultura sudanesa e oriental e seus rijos e álares trabalhadores do Benin e de Angola.

Geralmente são êles os detratores da mestiçagem, os que caluniam o Haiti de Toussant Louverture e aplaudem o "saneamento" aí feito pelos Estados Unidos. Se amanhã fôssemos "saneados"

pelos tubarões de Wall Street, com certeza nesses escribas é que se poderiam apoiar as metralhadoras imperialistas e as razões de Estado da superioridade branca. E o pior é que, com máquinas, aparelhos e empreendimentos, viria também a sociologia americana, que já tem aqui antenas e radio-escutas.

A tese de Oliveira Viana de que scubemos manter, para felicidade nossa, uma muralha racista no caldeamento, só pode ter uma lateral confirmação, suspeita e anacrônica, numa época do planalto de Piratininga ou nos campos do sul. Mas que representa por exemplo a característica zona germanizada de Santa Catarina, esta autenticamente ariana, em face do Brasil uno que nos deu a poesia de Gonçalves Dias, o romance de Machado de Assis e a sociologia de Euclides, altos rumos da nacionalidade indicados pela mestiçagem? Será que a industrialização de São Paulo seria fenômeno "branco"? Até que ponto? Branco quando? Como? E por quê? Eis aí assuntos e pesquisas que, estou certo, já foram objeto dos carinhos de nossas escolas de sociologia.

E se foi assim, S. Paulo seria, no paralelo da guerra de secessão americana, o Norte industrial e o Brasil remanescente o Sul, que evidentemente é quem produz o diapasão da cultura nacional que todos esposamos. E começariam novas questões quentinhas para a faina dos minuciosos pesquisadores. Se a indústria fêz de S. Paulo o Norte e este foi vencido pelo Sul, o Sul representou o quê? A civilização agrária e feudal? Não, porque S. Paulo antes de ser parque industrial foi o café e,

portanto, a fazenda e a terra. Tenham a palavra os chato-boys!

* * *

Euclides da Cunha dizia em 1907: "Ninguém pode prever quanto se avantajará um povo que, sem perder a energia essencial e a coragem física das raças que o constituem, aparelha a sua personalidade robusta, impetuosa e primitiva com os recursos da vida contemporânea. E nenhum outro, certo, no atual momento histórico talvez gravíssimo, porque devem esperar-se tôdas as surpresas dêste renascer do Oriente... é mais apto a garantir a marcha, o ritmo e a diretriz da própria civilização européia".

Há uma maneira de beber de um trago que se chama "à la russe". Os russos souberam industrializar-se "à la russe". Por que, num momento em que a fotomontagem triunfa, não poderemos nós realizar, também de um trago, nossa independência técnica, auxiliados pela boa ala americana? E beberemos então "à la russe", à saúde de Franklin Delano Roosevelt.

POSIÇÃO DE CAILLOIS

O caráter de Odisséia que o romance conscientemente tomou com Joyce, bastaria para me fazer discordar das conclusões a que chega Roger Caillois no seu sábio volume sobre o assunto.

Mas não só na "Sociologia do Romance", como no "Rochedo de Sisifo", como ainda na sua atitude tradicional, o sociólogo que ora nos visita é uma flor da burguesia cética de França que, se não pode ser responsabilizada pela política de Vichy, longe não esteve de ter afrouxado uma e outra mola da velha têmpera gaulesa. Não soube lhe substituir as afirmações que deram Guadalajara e Stalingrado. Ao contrário se a França afirmou, foram as enormidades de seleta de Maurras, o mau humor valetudinário de Daudet e a insipidez erudita de Jacques Maritain. Quando não, produziu um processo de remastigação de seu espírito, de seus valores e de sua heráldica com Bernanós, êsse "Ubu-Roi" de Deus, inconformista e cego, amarrado às conclusões de um mundo desaparecido e querendo conservar dêle, nas suas roupagens mortas a pureza aproveitável e a ética confusa. Não percebendo nunca que o mundo dos curas de aldeia foi o contraponto necessário do mundo capitalista de Vautrin, e coube apenas a êle rezar as pobres ave-marias do tempo das cocotes e do "Dejeuner sur l'herbe."

Bernanos se rói com o procedimento da França moderna como um avô inválido não compreende os divórcios de sua neta. Cacête como todo avô que conta as histórias de seu tempo para moralizar os meninos diabólicos.

Enfim, outra gente não dominicana, mas capuchinha e amável, aqui aportou como na França Antártica, falando uma linguagem útil. Temos ali, na nossa Faculdade da Praça da República, entre plátanos também europeus, os dois Bastide, Maugué, Bonson... E agora, desce das nuvens do avião de Buenos Aires, Roger Caillois.

Há na experiência e no contacto dêsses europeus com os descendentes vestidos dos tupiniquins, os testamenteiros de João Ramalho e os paulistas de Loanda, uma verdadeira festa, como foi a de Rouen, quando os nossos índios autenticaram as suas qualidades de homens naturais, fornecendo a Montaigne aquêle famoso capítulo do canibalismo letrado. E' verdade que muitas vêzes, o nosso nativo se espanta da antropofagia autêntica a que vão chegando certos civilizados Maugué, Caillois — enquanto os estrangeiros querem levar consigo nossas pedras brutas, as quais o índio de Claude d'Abbéville trocava bem por um "navire de France". Namôro da selvageria com a técnica que às vêzes pode produzir os melhores resultados, v. g. Hitler.

Mas voltemos a Caillois que agora nos visita. Sua presença física não desilude. E' o contrário do "andouille" (traduz-se livremente — "chato") que o Bastide grandão procura explicar ante a polícia de costumes intelectuais que representa, entre nós, por exemplo, o sr. Alexandre Correia,

Caillois é vivo como aquêle capítulo seu sôbre o caráter subversivo das festas, que imediatamente me conquistou em "Europe". E por isso mesmo repito, achei incômodos os resultados de sua alertada e culta digressão pelo romance, editada por "Sur", de Buenos Aires, sob o título "Sociologia de la Novela".

No desenvolver de seu curioso caminho, Caillois imprime ao romance burguês um caráter definitivo que não tem. Justamente o "Ulysses" é um marco onde termina o romance da burguesia, pois aí, num dia coletivista e mural, seus heróis destroçados não são mais de modo algum "os mandatários da própria debilidade ao país da fôrça". Como não o são na "Montanha Mágica", onde o episódio pessoal desaparece sob o inventário cultural de todo um século. Êsses afrescos são suficientes para mostrar que o caminho do romance está mais que aberto na direção do futuro e o romance retomando sua função pedagógica, está longe de se estiolar e perecer. Roger Caillois termina o seu livro como um solitário da Tebaida burguesa, diante do catedralismo de nossa época. Esquecido de que na nova arquitetura existe o novelesco e o seu sentido. Longe de ser o privilégio do indivíduo que quer ver na imagem fraterna do herói algo de inconfessável e visceral, êle pode atingir a comunicação e a igreja.

Talvez o caráter sarraceno da nossa velha cultura peninsular, aqui agravado pelos haréns da migração e da conquista, nos faça melhor sentir que a missão do romance não está cumprida. Abre-se para êle uma era de fecundo fanatismo social. Do próprio autor da "Sociologia de la No-

vela" tiro estas linhas: "Tôda questão reside hoje em escolher entre o entusiasmo e o destêrro. Quem não fôr levantado pela onda, ficará abandonado sôbre uma praia deserta, sem que ninguém ouça a sua voz nem acompanhe o seu abandono". E' a frase minha da "Morta" citada pelo crítico Luís Washington — "Ninguem te ouvirá no país do indivíduo!".

Evidentemente há uma torsão e uma violência quando Caillois pretende comprometer o romance numa aventura individualista. Floriu de fato êle nos desvãos solitários para onde a burguesia equipada pela máquina, relegou os que não partilhavam com ela suas alegrias primárias. A solidão e a análise foram secularmente um protesto. Mas prosseguirá êle na nova sociedade? Também não creio que haja de suceder a digestão imbecil do drama humano ao esforço coletivista que triunfa.

"Satisfeito pela realidade, que poderá o homem pedir a um mundo imaginário?" pergunta Caillois. Não pedirá ao menos a solução insolúvel da sua condenação de gerar outro homem? Sem os refúgios inúteis do gonzaguismo ou do uranismo, o homem de amanhã não compreenderá que sua vida dialêticamente se há de cumprir entre a mulher e a sociedade, entre a célula eterna e sua inevitável cidadania? Mas estamos ainda longe daí.

Num grande romance atual, na "Energia" de Gradkow, se dispõem como forças antagônicas entre pais e filhos o saudosismo da isba e a fé da cidade nova. Aos lamentos do kulak que procura a catarse e a metamorfose no herói individualista, substituem-se hoje os acentos religiosos de um

mundo monumental, onde o romance tem o seu lugar assegurado.

Tôdas essas considerações nos trouxe o avião de Caillois, célula dêsse amável imperialismo humanístico que representam os professôres franceses na América. O sociólogo visitante as despertou com as suas declarações sôbre o papel do intelectual no mundo que se anuncia. Disse êle muito bem que a solução para o homem de espírito é a monacal. Por que não? Não se trata evidentemente de querer fazer o sr. Gilberto Freyre ou o sr. Carlos de Lacerda, e muito menos o poeta Vinicius de Moraes, entrarem para o convento de Monte Athos, onde não pisam os barbeiros nem as manicures. Também não se trata do intelectual se deixar absorver pelo gigantismo social e nêle sumir. Perderam-se por acaso os beneditinos, os franciscanos e os tomistas no coletivismo medieval? Ou foram êles a alma vibrante e enérgica da sociedade unida num ciclo e suas vozes autorizadas?

O desemprego que Caillois vê nos horizontes finais da burguesia tem uma solução, a solução dos técnicos. Êles serviram o capitalismo, raciocinou um velho chefe. Que venham agora servir os que trabalham!

SOL DA MEIA-NOITE

Paramos no borborinho iluminado da Avenida diante de um placard de jornal. Minha mulher leu: "Fontes autorizadas declaram que os alemães estão abandonando a Noruega". Tínhamos acabado de assistir num cinema a "Noite sem lua" de John Steinbeck. E aquela simples informação telegráfica parecia ali, de repente, como uma aurora boreal no meio do drama tenebroso, de que saíamos. A cidadezinha norueguesa ocupada pelos nazistas ia respirar. E nós também.

Guardo da infância uma experiência do alemão que me deu ao mesmo tempo a medida da tirania e a suspeição da autoridade. Foi o presente pedagógico que aos meus treze anos ofertou, no Ginásio de São Bento, a didática alemã.

Ao lado de professores amáveis e frades gordos de grandes testas luzentes, apareu ali ensinando tôdas as cousas, conhecendo tôdas as disciplinas do comêço do século, com um olhar azul e frio que não permitia réplicas ou explicações, aquêle mesmo professor da Alsácia ocupada, quando a escola era "risonha e franca", em 70 e tantos. Comigo ia se dar, em estilo humorístico, o episódio do aluno que não sabia bem onde ficava a França no mapa, mas a tinha dentro do coração. Uma luta desigual, onde um Davi de calças curtas

que, num grito interior e orgânico de auto-defesa, encontra uma inesperada saída para estarrecer o didata monstruoso que o procura esmagar. Naturalmente o homem duro chamava-se Germano. Dr. Carlos Augusto Germano Knipeln. E era doutor. "Herr Doktorr!" Eu hoje, há muito tempo, aliás, sou também doutor. Como todo brasileiro que se preza de pertencer a uma geração de bacharéis em Direito. Gilberto Freyre que está saindo do seu meticuloso estudo do patriarcado açucareiro, para dar um interêsse novo ao nosso primeiro período republicano, deveria fazer a curva clínica da palavra "doutor" entre nós. Acredito que a disseminação dêsse qualificativo honorífico é filha de uma compensação urgida pelo nosso analfabetismo. Primeiro, só os médicos eram doutôres, depois os bacharéis se apossaram do distintivo, com desespero dos que colavam grau em borla e capelo. Qualquer pândego espirrava da Academia com dez anos de "simplesmente grau 1" e era doutor. Em seguida os farmacêuticos viraram "doutôres", os dentistas também, enfim os banqueiros, os ferragistas, os leiloeiros. E os médicos, para não se confundir, chamaram-se "professôres", o que antes só indicava a modesta função de mestre-escola. Eu nunca me importei de me chamarem doutor, porque o meu é diferente. Assim como doutor Fausto. Talvez por causa de Margarida. Mas o professor germânico do ginásio onde estudei, era o mais estranho produto que já vi da doutorança indígena. Era isso que o tornava intolerável. Como se Hitler viesse ocupar entre nós a cadeira de Filosofia do Direito! Admite-se Hitler no campo de batalha, o capote

estratégico, traçando em ângulos retos a destruição da Rússia soviética em seis semanas, etc. Mas ver um cabo empertigado sentar-se na cátedra donde sai a nossa iniciação do mundo! Meus treze anos moles, caseiros e sonhadores foram logo descobertos, no fundo da classe, onde se faziam flechas de papel cortado e birimbaus de pena Malat, pela truculência do mestre. Eu usava uma pastinha terrível precursora da de Verônica Lake. E êle um topête de dois andares. E entre o topête e a pastinha travou-se num plano de açúcar cândi, a mesma luta que ontem me revolveu os bofes diante da tela onde se desenrolava a noite da ocupação norueguesa, visionada por Steinbeck. Revi naquelas caras despudoradas de sargentões o longínquo doutor Carlos Augusto Germano Knipeln, que Mefistófeles torre eternamente!

Era o exame de "Corografia do Brasil". Uma besteira. Estávamos então muito longe dos estudos regionais com que o sr. Tavares de Almeida se impõe ao entusiasmo do professor Monbeig. O alemão exigia tudo decoradinho. Nunca recorrera ao mapa para ensinar. Saber era de cor! Até hoje sei assim as cidades do Pará, por ordem alfabética: "Alenquer, Bragança, Breves, Cametá, Cintra, Gurupá. E caiu para mim, ante a classe acorrida pelo combate que se renunciava, um ponto que eu sabia. "Portos de segunda ordem". Mas eu sabia de cor, como o professor da cadeira exigia, nunca numa disposição cartográfica racional.

— Não quero de cor...

— Mas... doutor! Eu aprendi assim... o senhor...

— Cale-se! Quero que o senhor faça uma viagem, uma estranha viagem, num navio que não pode entrar em nenhum pôrto de primeira ordem. O senhor vai sair no seu navio do Rio Grande do Sul e basta que me chegue a Pernambuco. Se, na viagem, entrar em qualquer porto de primeira ordem, será automaticamente reprovado.

Comecei em Pôrto Alegre. Era pôrto. Tôrres. Daí pulei para Florianopolis, resvalei por Paranguá e bordejei a costa paulista... Cananéia, Iguaçu, ia ancorar em Santos... Disse a tempo São Vicente. Era o pôrto das caravelas de Martim Afonso que eu tinha visto num piquenique do ginásio... São Sebastião, Vila Bela, Ubatuba, Parati, Angra dos Reis. Não podia mais. Exclamei:

— Rio de Janeiro!...

— Ignorante! Cínico!

A classe ria... O homem triunfava.

— Rio de Janeiro, pôrto de segunda ordem!

— Doutor...

— A capital da República!

— Doutor, perdão, eu desci para ir de barca a Niterói!...

A explosão de risos e pulos na sala liquidou o exame. Olhei atônito. O homem rubro expulsava-me da cadeira com um gesto incisivo. Daí a meia hora saía a minha aprovação obstinadamente exigida pelos dois outros componentes da banca. Senti-me levantado pelos colegas. Era a réplica da infância ao alemão.

* * *

O nazismo deu forma à matéria do alemão. Nunca teve tão oportuna pesagem política o mo-

dêlo aristotélico. O alemão já executava o passo de ganso no fundo das páginas de Tácito e, nessa marcha, veio trazendo os arreganhos homicidas da caverna até à civilização da técnica. Nela viu a couraça e a blindagem, o gás químico e o avião semeador da morte. E criou sua forma histórica: Adolfo Hitler. Perguntava-me a revista "Diretrizes", ultimamente, em "enquête", que se devia fazer da Alemanha depois da guerra? Esfolar inteira? Comunizar? Entregar todinha aos noruegueses, aos gregos e aos russos? Aos filhos dos fuzilados, dos enforcados e dos bombardeados do mundo inteiro? Dá-la aos judeus? — Não! E' preciso alfabetizar êsse monstrengo. Há dentro dela um raio esquivo de luz. E' o do seu Humanismo. E' o que vem de Goethe e através de Heine produz Thomaz Mann. A Alemanha racista, purista e recordista precisa ser educada pelo nosso mulato, pelo chinês, pelo índio mais atrasado do Peru ou do México, pelo africano do Sudão. E precisa ser misturada de uma vez para sempre. Precisa ser desfeita no "melting-pot" do futuro. Precisa mulatizar-se.

* * *

Ao lado da bestialidade perfeita que o filme americano deu à ocupação nazista, colocou admiravelmente em relêvo essa amorosa civilização brotada do espírito público que a Noruega e os países socializados da Europa nórdica representavam quando se deu a catástrofe de 39. Não tinham feição diversa as personagens de Henrick Ibsen. E' o mesmo povo, limpo, ordeiro e pacífico. mas ca-

paz de morrer inteiro pela liberdade, o que Steinbeck recompõe em sua história.

* * *

Pela liberdade, nós também, os da América, somos capazes de dar a vida. Tôda a história do nosso continente, principalmente a história rica, dramática e colorida na América Latina, está coriscada de gestos libertários. E por isso estamos perfeitamente dispostos a morrer pela liberdade da Noruega, ou da China, ou da Rússia. E por isso mesmo não nos devemos esquecer que a essa luta pela liberdade que prende tôda a terra num compromisso de destruição das três faces malditas do fascismo, está prêso um outro programa — o de fazermos nós mesmo a nossa liberdade econômica, a fim de se produzir, definitiva e segura, a nossa independência política. Se, de um lado, temos a palavra pública de Roosevelt, de Wallace, de Willkie, a fé jurada de Churchill e a presença ideológica de Stalin para nos assegurar que o mundo de amanhã não será um mundo de opressão e de terror, de outro lado, sabemos que nossos povos têm sido secularmente jungidos a “complots” imperialistas que retardam o nosso progresso humano e entravam nossa marcha civilizada. Nós também temos nossa noite sem lua e dela precisamos sair. Nessa luta que terá que ser um complemento e o desfecho da outra, ao intelectual latino-americano está reservado um papel decisivo. Entre outras vantagens, a guerra nos trouxe esta — a de melhor nos conhecermos.

Agora mesmo, acabo de levar à estação o casal argentino Oliverio Gironde. E nesse gaúcho perfei-

to, como em sua suave companheira Nora Lange, senti que os intelectuais conseguem nas horas de suspeição estender os braços por cima dos interesses oportunistas. Outro seria o panorama americano, se conhecêssemos melhor as letras que produzimos, numa mesma expressão de virilidade nova e de terra acordada e num secular anseio de libertação.

Oliverio Gironde é um mosqueteiro de 22. Enquanto nós aqui fazíamos a Semana turbulenta, apoiados por Paulo Prado, que agora, numa tarde bem sua, bem paulista, com o seu frio e sua côr de chuvisco, conduzimos à Consolação — Gironde e seus companheiros de "Martin Fierro" levavam a alma autêntica da Argentina para os mesmos rumos expressionais donde sairia a fala nova.

Nada podemos esperar da Europa européia, para onde vivemos por tanto tempo voltados, com a luz de Paris em nossos espíritos. Foi uma época que terminou. Tínhamos pelo latino-americano um desprezo que participava do conhecimento de nós mesmos, de nossos pobres recursos civilizados, perdidos no esmagamento de uma finança torpe ligada à fome dos imperialismos. Mas hoje já sabemos que a América nossa deu dois grandes poetas: o chileno Neruda e o cubano Guillen. A língua hispano-americana já pode apresentar quatro romances notáveis: "Don Segundo Sombra", "Dona Barbara", "La voragine" e "Los de abajo". Um sem número de moços trabalha a novela e o verso, o ensaio e a crítica na mesma labuta sincera e cultivada e na mesma descoberta dos caminhos livres que o futuro indica. A presença de um escritor como o chileno Juan Uribe, que está entre nós,

basta para nos dar uma idéia do que representa a cultura nova da América Latina. Conheçamo-nos melhor! Homens da autoridade e da ilustração de Gironde na Argentina, de Gilberto Freyre e Sérgio Milliet aqui, de Neruda no Chile, podiam iniciar uma campanha de aproximação dos intelectuais americanos capazes de superar a da busca de mercados que a guerra indicou para os produtos de nossas fazendas e de nossas fábricas. Se no meio da noite colonizadora que persiste nos horizontes nacionais de cada um de nossos povos, um sol se anuncia, é o que a inteligência autoriza. São os intelectuais que representam na América ainda bárbara e inculta, o meio dia possível de amanhã. Aí estão Maria Rosa Oliver, Jorge Amado, tantos outros.

DIANTE DE GIL VICENTE

Os chato-boys estão de parabéns. Eles acharam o seu refúgio brilhante, a sua paixão vocacional talvez. E' o teatro. Funcionários tristes da sociologia, quem havia de esperar dêsses parceiros dum cômodo sete-e-meio do documento, aquela justeza grandiosa que souberam imprimir ao "Auto da Barca" de Gil Vicente, levado à cena em nosso teatro principal? Honra aos que tiveram a audaciosa invenção de restaurar no palco um trecho do Shakespeare lusitano, com os elementos nativos que possuíam. Os srs. Décio de Almeida Prado, Lourival Gomes Machado e Clóvis Graciano, secundados pela pequena trupe universitária, ficam credores de nossa admiração por terem realizado diante do público um dos melhores espetáculos que São Paulo já viu. E São Paulo conhece grandes cousas. Viu o Édipo de Gustavo Salvini como viu todo o modernismo de Bragaglia, viu Ibsen, as realizações telúricas do teatro popular de Giovanni Grasso e as experiências da Lugné-Poe. Viu a Duse e viu Ema Gramática. E chegou a levar nas mãos o carro vitorioso da judia Sarah Bernhardt. Em matéria de teatro nacional, não viu muito. Apenas as tentativas de Alvaro Moreyra e de Joraci Camargo inquietaram um pouco a nossa platéia. Mas caímos sempre na incapacidade de

educar um certo número de espectadores para elevar o nível do nosso teatro às alturas que já alcançaram a poesia e o romance. Mesmo agora, no teatro universitário, o inexplicável de certas derrotas volta a preocupar os que se interessam pela “melhor das artes”, o teatro. O nome de um estreante, o sr. Mário Neme, ficou indefensável junto ao de Martins Pena, êste justificado apenas pela tradição, com seu cheiro de barata e seu velho armário mágico.

Perguntei a alguém por que tinha sido dada ao sr. Mário Neme a incumbência de fornecer uma peça ao teatro universitário. Responderam-me: — porque é um bom rapaz, vindo do interior e que escreve contos. As duas primeiras credenciais são inatacáveis. O sr. Mário Neme é de fato a simpatia em pessoa e nosso dever é auxiliar todos os recém-chegados da literatura que trazem a sua contribuição do interior. Mas, a terceira faz-me lembrar aquêlê presidente da República Velha que, eleito e empossado, decidiu dar a um jornalista que pronunciara um brilhante discurso sôbre o café em Ribeirão Preto, a pasta da Marinha. E’ o caso do sr. Neme. E’ um modesto “conteur” e um pavoroso articulista que, pela amostra, nada tem de um homem de teatro. Aliás, o teatro exige ou uma paixão vocacional, caso do sr. Joraci Camargo, ou uma cultura séria e especializada que enfrente e resolva seus altos problemas.

Mas deixemos a dialogação frouxa que nos deu de choro o sr. Mário Neme, com aquela peninha pra atrapalhar de fazer saírem os atores da platéia, coisa que meu amigo Piolin faz melhor no circo — para voltar à glória da estréia do grupo

universitário que montou Gil Vicente às alturas das intenções quinhentistas.

* * *

— Que Portugal! dizia-me no intervalo um amigo que tem pela gente lusa uma paixão árabe, filha da grande mescla que amorenou o povo de Viriato. Veja você o valor pedagógico e persuasivo do teatro, quando o teatro é teatro, é criação e execução, é compostura e ação! Êstes meninos puseram-me diante dos olhos a presença silenciosa e mágica de Portugal. Que fartura de lições nos traz essa página clássica, onde não é só a pátria lusa que se restaura no seu vigor oceânico, mas onde o próprio cristianismo retoma a sua ética fundamental, dantesca e terrível!

Fumamos um cigarro distraído e meu amigo prosseguiu:

— Veja você como a perda do sentido político de um povo pode reduzi-lo ante o prestígio das armas automáticas! Portugal é maior que tôda a Europa ocidental! Portugal é povo e foi sempre povo. A sua monarquia hamléctica, macbética, levada dos diabos, regicida e valorosa, inconformada e descobridora foi povo. Portugal viveu sempre na célula livre do seu municipalismo. Foi isso que trouxe para o planalto paulista a sua inconformação conquistadora e o seu destino pioneiro. Somos portugueses, graças a Deus! E portugueses antigos, saídos dessa maravilhosa virilidade satírica e mística do “Auto da Barca!”

— E o mulatismo de Martins Fena?

— Martins Pena, creio que nunca foi mulato e mulato foi Machado de Assis.

* * *

Na sua valorização de Portugal, do Portugal de Gil Vicente e de Camões, meu amigo não esquecia de honrar a contribuição que nos trouxe a mescla negra. Um otimismo que me tomava de fé e me fazia crer nos destinos brasílicos. Caminhei para casa, esquecido já das chanchadas que tinham dado maior relêvo àquela grande nota do velho teatro luso. E um mundo de recordações portuguesas me tomou. Portugal não existe apenas nos seus monumentos que ficaram sendo a história de pedra dêsse fim geográfico do Ocidente. Um fim que foi o comêço marítimo do novo mundo e nos legou na América o seu mandato civilizador e a sua marca bandeirista. Revi, no meu culto, velhos conhecimentos. Aquela fabulosa abadia de Thomar, que visitei de novo, há quatro anos com Alves Redol, o mestre do romance português de nossos dias. A grandiosidade camponesa de Alcobaça, a Batalha, a Pena, a Peninha e os Jerônimos. O gótico com a indicação marítima da corda e da cortiça. O gótico dando nas beiradas atlânticas do Tejo. O gótico que não ousou descer a Itália mediterrânea, estacando em Milão, e viera trazido pelas mãos cancioneiras do medievo, lutar com o mosárabe e vencê-lo no fim do continente.

Tudo isso é a história do sentimento português, fixada nas pedras do passado civil e religioso duma grande raça.

E o povo? E a história contemporânea? Minhas recordações voltaram aos dias de ontem. Al-

ves Redol, o autor dos "Gaibeus" e das "Marés", levava-me a Vilafranca de Xira, para assistir à "espera" anual dos touros da estação. E eu vi na "espera" a ressurreição do povo sem temor que todos os anos, afronta nas ruas estreitas e apinhadas da pequena cidade de Estremadura, os touros ferozes, trazidos para as corridas. Touros soltos nas ruas, com os quais brinca o povo intemerato de Portugal. No dia seguinte foram as touradas. Desfilavam os capinhas e matadores, os cavaleiros e os moços de forcado, quando o povo que enchia o rondel percebeu que fôra iludido. O seu bandarilheiro favorito faltava. Carnicerito de México não estava na praça, à frente de seus companheiros. E assisti então a esta cousa inédita — o povo inteiro saltou das arquibancadas e das gerais e entupiui a arena, até aparecer carregado do hotel, o grande farpeador.

Imagens a transpor diante da virilidade do auto de Gil Vicente, diante da virilidade do povo de Vilafranca de Xira.

Porque não vi no Portugal do comêço desta guerra, sòmente a coragem milenária e os monumentos de pedra. Vi, também, a miséria dos pescadores do Espinho, ante o mar raspado pelas companhias magnatas. Vi famílias tuberculosas habitando em promiscuidade as tocas do homem primitivo em Monsanto. E vi, em Lisboa, no foco do quintacolonismo de então, os diplomatas inconscientes, os descrentes de Stalin, os torcedores de Munich, e instalado num hotel, à espera das legiões blindadas de Hitler, o sr. Plínio Salgado.

Afinal, naqueles tempos fortes e decisivos do "Auto da Barca", que significava morrer pelo Cristo senão morrer pela sociedade? Morrem na peça, pelo Cristo místico da reconquista peninsular, os cavaleiros de Deus. E vão tomar assento na barca da imortalidade, guardada por um anjo severo e incorruptível. Para os outros, para o juiz prevariador e para o frade, para o usurário e a grande dama, abre-se a caravela danada de Caronte.

Morrem hoje pela sociedade milhões de homens. Por trás do seu sacrifício, a usura acumula os seus últimos montes de dólares, a injustiça movimentava seus laços, a corrupção impera. E de novo o "Auto da Barca" arma, numa realidade mais que teatral, sua presença punitiva e solene. O anjo impassível espera, para conduzi-los à imortalidade, os defensores de Estalingrado, os cavaleiros blindados do deserto de El Alamein, os operários e as operárias das retaguardas vigilantes, os que sabem dar vida, posição e futuro pela luta tutelar dos direitos do homem.

Para os outros, para os últimos donos da acumulação, para os aproveitadores cínicos da vida, está armada a prancha, a prancha das condenações sem apêlo e sem glória.

O COISA

— Quem manda é o Coisa. Eu já te disse, é o Coisa. E' êle quem se eterniza e permanece... E' o amorfo que sobe e domina!

— Talvez você tenha razão. Enquanto os autênticos heróis se batem para transformar o mundo em algo de limpo e de melhor, de outro lado, no panorama da ocupação militar ou espiritual, os porcos prosperam. As verdadeiras capacidades se retiram do cenário confuso. Olhe, cada vez que deixo aquêles escritório silencioso, ali da Praça Ramos de Azevedo, que o Assis batizou de **Ribeiro's Clube**, mais admiro e estimo o olímpico isolamento em que se situa o Samuel, longe das competições e das tricas, sorrindo na sua amável e estóica visão dos dias.

— Êle não traduziu em vão o *If* de Kipling. E como o traduziu! Deve estar esfregando as mãos ante o espetáculo do fussa-fussa em que se tornou a complexa arena de nossos tempos. Você já viu e notou como verdadeiros acessos de necrofilia agitam os homens de hoje? São capazes de tudo, de admitir o sacrifício da família, da honra profissional, da dignidade e da ética por uma clavícula do poder e às vêzes simplesmente pela promessa duma tibia do cadáver duma situação! E' uma fome recalcada que não os deixa enxergar o dia seguinte.

Os velhos politiqueros que outrora sonhavam com cabos eleitorais vestidos de anjo, trazendo-lhes o cartuxo de procissão dos cargos, todos êsses intrépidos funâmbulos das urnas cegas de outrora, deram para se inscrever no concurso do pega-no-rabo-do-foguete. E fazem discursos com a mesma gaguejante emoção duma senhora de sessenta anos que festejasse o primeiro furtivo encontro.

— Que diabo, você é injusto! Quer tirar êsse derradeiro regalo da vida a velhas rapôsas maltratadas por um bárbaro ostracismo?

— Mas no mundo de hoje, êles não vão mandar nada. Quem manda no mundo de hoje?

— O Coisa.

— Ah! O Coisa manda. Ouça esta história que me contaram outro dia. Foi preciso apagar um incêndio. Mas o incêndio era na casa do adversário do Coisa. Então, os bombeiros hesitaram em sair. Um dêles telefonou. E o Coisa respondeu: — Eu não posso decidir nada. Não é comigo! Preciso ir consultar. Faça o fogo esperar!

— Já sei. A casa ardeu com o sujeito dentro. Os bombeiros foram promovidos e felicitados. A ocupação tem o seu paraíso — a impunidade.

— Mas acredita você que as ondas não sejam feitas de gôtas ínfimas de água, que os simuns devastadores não sejam construídos de grãos de areia? Acredita você que tudo que se processa à revelia da justiça, ficará docemente sem tribunais e sanções? Num mundo policiado e uno como é o de hoje?

— Não entendo. Você afirma que quem manda é o Coisa. Logo a policia é do Coisa . .

— De um lado é. Mas êsse é o tenebroso e efêmero avêssô da história contemporânea. Já vivemos dias piores. Houve tempo em que se ofereciam espadas aos ditadores pelo assassínio de milhões de inocentes. Hoje os velhos sonhos persas se concretizam, no cenário autêntico de Teeran, onde a espada de Estalingrado foi entregue pela Terra da liberdade ao defensor dos direitos intangíveis do homem em sua ascensão...

— Mas enquanto êles fazem isso, nos países ocupados...

— Enquanto os gatos prosseguem a grande caçada, os camundongos sinistros se divertem no escuro da copa. Mas a ratazana está quase liquidada, a ratazana que virou o mundo de cabeça para baixo. O fim do monstro está próximo, bem próximo!

— Quererá você afirmar, por exemplo, que os encontros decisivos dos chefes de hoje têm também por finalidade ditar ao mundo uma norma futura de bem viver... e resolver portanto que os camundongos divertidos de hoje serão por sua vez tratados a tiro de festim?

— Ninguém impedirá que o processo histórico condene os que abusaram da escuridão para subverter tôdas as tradições da ética e da razão. Querá você supor que o dia seguinte da guerra continue o panorama de apodrecimento a que assistimos? Quem viver verá! Olhe, já há sintomas curiosos de desadesão, de desconversa. Só mesmo os incautos e os caducos satisfazem a sua sêde nos festins de Baltazar. Só êles não enxergam as letras de fogo do **Mane Tecel Fares** que se inscreve nas farras do poder precário de hoje.

— Você quer falar de Vichy?

— Está claro...

— Quem é o Coisa?

— Nunca o vi mais gordo.

— E' uma adivinhação?

— Pode ser o rei dos belgas, ou um esqueleto de farda ou um repolhudo que se dissimule nas côres mais vivas da inocência. Mas é sempre um burro, um burro chapado!

— Um burro!

— Claro! Foi por acaso a lúcida inteligência francesa que se recusou a ir para a África do Norte e aí iniciar o que os americanos, ingleses e degaulistas organizaram? Foi o cérebro da França que ficou em Vichy? Eu tenho uma confiança absoluta na inteligência. Há muito tempo — muitos anos antes de Stalingrado — que eu afirmo que Stalin é Júlio César, o homem da espada e do livro. Veja você como os intelectuais se impõem. Apesar de todos os Badoglios, a grande voz de Benedetto Croce está sendo ouvida na Itália. A inteligência domina o mundo de hoje ..

— Então muita gente que realiza o presente sabujo e cínico pode ser salva?

— Não confunda inteligência com malandragem, com traficância, com habilidade. Acredita você que o povo não sabe o que se passa?

— Ora o povo! Que pode fazer o povo diante dos carros blindados e das armas automáticas?

— Com o seu sangue, o povo liquida situações e pode derrubar governos e sistemas. A história está cheia desses episódios. E' o povo quem faz a história. Basta que cresça no povo a consciência da luta, a consciência dos seus deveres e, portanto, dos seus direitos! Era o que faltava no angustian-

te panorama do presente. Mas a indiferença está se acabando. Verifica-se isso em tôda parte...

— Na França, na Dinamarca, na Noruega...

— E o Coisa está ficando apavorado. E' êle que ainda reage e manda matar, acoitado pelas obscuras fôrças que ainda tentam restabelecer o passado. Mas o dia seguinte não pode tardar. Então os Quislings de todos os feitios, tamanhos e idades hão de se alinhar diante dos tribunais inflexíveis do futuro.

— Coitado do Coisa! Tão bom sujeito!

— Olhe, o português da anedota já decidiu: — Quem não tem competência...

NO ATRIO DA REVOLUÇÃO

Se me perguntarem por quê, não sei explicar. Pelos menos agora não saberia explicar. Mas sempre liguei, sem maior exame crítico, Machado de Assis, Carlito e o poeta Vinícius de Moraes. Por quê? Só vejo um um liame — o **humour**. Que tem de mágico essa palavra internacional para dizer tão pouco e tanta coisa? No **humour** reside o catastrófico e talvez no catastrófico tôda a natureza humana. Daí o sucesso das religiões de salvação. E o sucesso dos grandes confessos tímidos Machado de Assis, Carlito, Vinícius de Moraes. Esses homens trazem em si o sentido dialético do desastre. E' a outra ponta do fio... Um personagem d' **A Morta** afirma judiciosamente, na última cena, que o barbante não tem fim. E o êrro do homem é pensar que o barbante tem fim. Machado, Carlito, Vinícius sabem que o barbante não tem fim... A mão acaba no ar, tendo perdido o fio... o fio da meada

Uma das idéias que me seduziram é essa de que a base do **humour** é feita mais que de auto-crítica, de auto-flagelação... Quem se esculhamba, sabe esculhambar os outros e até as coisas. As coisas, o mundo das coisas. As coisas têm uma vida temível nesses três dialetas implacáveis. Elas existem fora das combinações humanas. E intervêm. O roofs de Chelsea! E êles reagem submissamen-

te diante da fôrça surda das coisas. Que são mais que cegas, surdas. Porque não escutam o clamor dos peitos aflitos, arquejantes, sedentos dum mundo de justiça, e de beleza, dum mundo melhor.

Ninguém vai me dizer que não há protesto em Machado. Mais que protesto, há pessimismo. Solúvel em poesia. Carlito. Vinícius.

Para mim o grande desabafo de Machado foi aquela comunicação imprescindível que êle teria que fazer a um amigo: — Vou hoje a um entêrro...

Nessa secura entra de chôfre o Hamlet inteiro. E que é Hamlet senão o pior caso de **humour** do mundo? Um sujeito educado, um príncipe na valsa, caçoando do pai que virou fantasma. E' Machado indo enterrar a mãe preta, sem poder contar, sem ter a capacidade grosseira de contar à roda de sujeitos bem postos que o fizera, que êle centralizava. Só caçoando mesmo... — Vou a um entêrro... Nada mais.

Pouca gente compreende a estrada em que termina o Hamlet. Ofélia morreu. Em Deus. Como o sr. Tristão de Athayde. Como o sr. Álvaro Lins. Então, um mata o outro, o outro mata o outro, o outro... E quando estão todos no chão, surgem as fanfarras de Fortimbraz. Machado não teve as fanfarras de Fortimbraz. Nem Carlito nem Vinícius. O poeta pelos menos desafoga: "E um dia pego e tomo um porre danado que você vai ver!" E toma mesmo. Tatu que ature! Como Carolina aturou Machado. Êste não precisava tomar porres. Tinha a grande libertação, a libertação demoníaca, a doença sacra de Dostoievski. Ataque de gôta, segundo o Zé Lins. E Carlito? Passa as fronteiras, despe

as táxi-irgens e fica espiando do outro lado. À espera do estouro. Depois conta tudo nessa coisa que é a vida, pois anda, mexe, e é o cinema mesmo e em outras histórias que são as mesmas pois não adianta disfarçar. Todos compreendem, porque todos são assim mesmo de pedra e osso, porque pedra é carne, e sôbre esta carne construirei a minha igreja.

Foi a primeira guerra mundial, a luta de Jacó e o Anjo que José Régio nunca surpreendeu. Quando o artista mata a aventura. E foi assim que êles três ficaram três artistas no átrio da revolução.

A EVOLUÇÃO DO RETRATO

(Conferência realizada no encerramento da
exposição Carlos Prado)

Uma pessoa muito bem intencionada me perguntou se o assunto da palestra de hoje era o retrato fotográfico. Essa indagação não poderia ser feita no começo dêste século, quando só havia um sentido para a palavra retrato. Como nos séculos anteriores. Como em todos os tempos. Hoje, ao contrário, retrato é a fotografia dos parentes no álbum de família, os noivos e o casal endomingado, o instantâneo de praia ou de jardim público ou através do magazine, a imagem sagrada da estrêla e do astro. E não serei eu quem vá subestimar e diminuir o triunfo momentâneo da Kodak sobre o pincel. Estamos já nas conseqüências da era da máquina. E um dos melhores argumentos modernistas que conheço contra o **retrato parecido** é êsse, de que mão nenhuma de artista, por privilegiado que seja, pode fixar a semelhança e a vida que o celulóide dá aos seus primeiros planos e a seus detalhes de câmara escura.

De fato, seria interessante traçar a evolução da fotografia, do tósco e romântico daguerreótipo ao tecnicolor luzente, onde triunfa o cartão postal no seu sentido lírico, pequeno burguês e novo rico. Já disse alguém que a fotografia tem hoje os seus

primitivos, os seus clássicos, os seus independentes e os seus "pompiers". Num século apenas de vida, ela redescobriu o mundo através do olho mecânico inventado por Niepce. E o falso desprezo dos artistas enclausurados nos ateliers de marfim de sua incompreendida eleição, em nada pode atingir êsse acréscimo de poder, trazido à visão humana pela máquina e que talvez, procurando apenas fixar um documento, trouxe uma multidão de formas, de volumes e de ritmos para a reprodução da vida cotidiana, — alento e apoio do homem na sua caminhada narcisista. Não foi só no campo da conquista técnica que a fotografia evoluiu, produzindo os efeitos do bromo papel, as fantasias em carvão e sal de prata, o retoque e o truque, a colaboração do fusin e do crayon. Desde que ela admitiu a composição, o tempo de pose, o ângulo, o fundo e os acessórios, deixou de ser naturalista para se tornar interpretativa, intervencionista e criadora. Quis significar numa comemoração sentimental ou alusiva pelo menos, os grandes feitos domésticos ou as intencionais valorização do cotidiano de cada um. Tomou então a fotografia, e particularmente o retrato fotográfico, no segredo da pose, nos claros-escuros do sonho, na personalização procurada pela anedota caseira, um ar de sociologia ilustrada que ficará talvez mais importante para os pesquisadores do futuro, do que propriamente as minúcias documentaristas a que êles hoje se dedicam. Do fotógrafo ambulante que num tiro dado do minúsculo canhão solar de suas tripeças de jardim público para ferir corações enamorados, tristezas e reveris, saiu o maior pintor do começo deste século, o **Doaunier Rousseau**. Êste primitivo da

foto-montagem está ligado pelo caráter urbano, maravilhoso e popular de sua obra à fotografia, ao cartão postal e ao retrato. Do modelo doméstico, da charrete, do álbum, da cena de rua ou da selva de Rousseau, passou a fotografia a recrear os domínios imaginosos que o impressionismo esvaía sobretudo em Carrière e a refazer na chapa, na madeira e no zinco o claro-escuro de Rembrandt. Chegou então às abstrações do americano Man Ray que isolava o objeto, produzindo a afirmação seca e triunfal das tintas clássicas de Dominique Ingres. De um modo concordante, deixava a fotografia as brumas poéticas da Bruges de Rodembach para querer atingir o “pendant” sintético da escultura de Brancusi.

* * *

Por outro lado, produziam-se as transformações da vida política do mundo, inaugurado na Rússia de 17. Por toda a parte, em todo o mundo civilizado, subia a ansiedade das massas e foi preciso para a comunicação humana, trazida pelas urgências da existência mecânica e ubíqua, uma gigantêscia acústica social. A ela compareceu, com os recursos da tricromia, da fototipia e da fotolitografia, o cartaz e o monotipo. E o artista, já interessado pelo enriquecimento que lhe trazia o cinema e a evolução inesperada e complexa do olhar mecânico de Niépce, encampava, na fotomontagem, no papel colado de Picasso e no construtivismo russo, as miragens técnicas da fotografia. Mas esse caminho para o abstrato e para o fantasista ia afastá-lo do retrato.

Afirma Vassari que se deve a Cimabue e a seu discípulo Giotto, ao longo do século 13 da era cristã, o início da arte do retrato.

Muitos séculos antes, a Verônica produzia na noite tumultuosa do Calvário, a primeira valorização da efígie humana, num pano branco. Dessa lenda piedosa que dá ao cristianismo toda uma predestinação plástica e colorista, nasce a idéia do primeiro documento da pessoa em pose. E' do Cristo flagelado que a imagem do cordeiro vai sair das catacumbas para o ar livre dos mosaicos bisantinos de Ravena e daí, na penosa caminhada dos séculos bárbaros, onde só a pintura e o latim alfabetizavam, iluminar as almas conventuais debruçadas sobre os antifonários, os livros de horas e de bênçãos, os missais e os saltérios. A miniatura iluminada em ouro cria seus direitos nos primeiros in-folios municipais, nos livros dos prefeitos e das cidades, para se ensaiar enfim, nas ilustrações humanistas do Renascimento. Aqui em São Paulo, na coleção Arnold, pode se ver toda uma galeria desses prestigiosos cantos de livros, dessas vinhetas miraculosas, onde o sentimento bisantino produzia a época do ícone que caracterizou o primeiro cristianismo. Aí, nas iluminuras persiste o sentimento de ícone que é dramático e polêmico até se alçar nos primeiros murais das igrejas italianas. A restauração do mural produzida na Umbria do século 13, está bem longe dos afrescos pagãos da Grande Grécia, conservados nas ruínas de Herculano e Pompéia. Entre as duas épocas há o bisantino, interpôs-se aí a criação de um mundo subversivo e nivelador. O mural franciscano aparece suavizado pela vitória ideológica do Cristo e pela pai-

sagem de presepe da Umbria. Não há mais discussão. Cristo já teve o seu grande santo de Assis, o seu grande poeta de Florença, o Dante, e o seu grande clima emocional — a Itália. Já existia a nova língua fixada num poderoso poema político, A Divina Comédia. E sôbre os resíduos do luxo asiático do ícone, onde a expressão da figura e a certeza da composição saltam da luta, brotando do próprio drama da conquista das almas bárbaras e pagãs pelo Cristo, há a anunciação do quadro de cavalete. O ícone é o seu grande precursor humilde e tenaz. Não há sômente a individuação do assunto, o tratamento expressional dos personagens, mas preexiste nêle tôda uma técnica do retrato, dando ao rosto das figuras, aos olhos sobretudo uma persuasão plástica que anuncia na pobre pintura sôbre madeira e sôbre pergaminho da Idade Média, a geometria calculada de Leonardo e de Rafael.

Giorgio Vassari é o esteta da época franciscana como do Renascimento. Cimabue ainda conserva essa unidade passional da composição que aproxima o ícone instintivo da sabedoria renascentista. Mas é nêle que começa a era franciscana, onde o naturalismo ensaia os seus primeiros debates. E' o "naturale" que o preocupa. O crítico Vassari eleva Giotto "introducendo il ritrarre bene di naturale le persone vive". E' essa "maniera moderna" vitoriosa na mão culta dos renascentistas que o fará dizer a propósito de uma obra de Ticiano "un quadro grande di figure simile al vivo" e de uma figura de Giorgione "que me parre veder vivo". Refere êle sempre, nas suas cortesias eruditas aos pintores da época "le freschezze della carne viva",

Ante o Papa Júlio êle exclama: "como se proprio egli fosse il vivo". E' ainda das produções de Rafael que êle afirma serem "cose vive perche trema la carne". E chegando ao esteta do individualismo triunfante que é Leonardo, declara ser a ilusão do vivo e do natural "il fine che del'opera si aspetta".

Nessa exaltação de Vassari pelo Renascimento pitórico está tôda a adesão da cultura humanística ao homem individuado, salvo das brumas coletivistas do medievo e afirmado no seu apogeu filosófico e plástico. Não são mais as virtudes e os vícios da capela dantesca que o Giotto pintou para os Scrovegni em Padua, não são mais as deformações de Pisa e de Siena, as cenas coletivas saindo de seus tumultos apostólicos para as batalhas e abrindo os caminhos à perspectiva de Paulo Ucello. E' o homem só, exaltado na sua individuação espetacular. O doge, o Papa, o cardeal e o grande senhor. E' tôda a renascença no seu sentido social e político como na sua definitiva intenção plástica.

Mas foi um instante êsse fulgurante zênite em que Rafael senta sôbre as cadeiras senhoriais a arquitetura das madonas e o esplendor dos senhores da descoberta de um mundo mais vasto e terrível que tôdas as Atlântidas da lenda, que tôdas as Índias sonhadas por Colombo e peios navegadores portugueses. E' o mundo interior descoberto pela vitória do homem libertado dos entraves coletivistas da comuna e das irregularidades lancinantes do gótico.

E' o indivíduo que, herético e orgulhoso da sua humanidade, livre das roupagens místicas que o abatiam no soluço coletivo das naves anônimas, reaparece com a mesma diafaneidade dos deuses

estatuados nos templos gregos, no triunfo da plástica sôbre o mito, na ruptura que separa o sentimento apolíneo da idade homérica.

Produz-se então, já longe das concepções medievais, o primeiro sorriso burguês. Talvez seja êsse imperecível valor de documento que eterniza a Gioconda de Leonardo, a mulher que deixou de ser a serva e não é também a virgem dos altares dissimulada na carnadura dos modelos. E' a mulher sômente, nos albores de uma humanidade nova, não aviltada ainda pela competição e pelo lucro. Nunca mais, a não ser na reação de Ingres, uma burguesa sorriu num pincel de mestre.

Mas o homem da Renascença carregava sôbre sua solidão inaugurada pela máquina, a responsabilidade das odisséias que lhe indicavam a bússola o tear e a imprensa. Desamparado das filosofias solidárias, saído do ciclo coletivista que a máquina ia superar, o homem se gasta no luxo, no requinte e desmoraliza-se no fútil. E' Bernini que estraga São Pedro de Roma e o Barroco que esplende no fausto piedoso e suspeito que vai dar razão à reforma. São as côrtes, os reis-sóis, os palácios sem fim, os jardins e as orgias. E' a Inglaterra de Glainsborogh e Reinolds que inútilmente procura prolongar através de seus virtuosismo milionário as estampas únicas da humanidade renascentista. A burguesia triunfal de Cromwell não consegue um panegirista, como a burguesia heróica de Calais teria mais tarde em Rodin. E' o retrato da decadência da côrte e da nobreza que se espelha no "Indiferente" de Watteau.

A Espanha mantivera, no entanto, a luta ideológica pelo cristianismo e daí saem as terríveis

revelações do Greco e daí desfila o trágico recolhimento dos monges de Zurbaran. E é ainda na Espanha que se produz a reação contra o retrato vitorioso e panegírico da Renascença. Goya inicia a corrida de touros com os personagens que procuram comprar o seu pincel. O pincel de Goya é uma farpa ágil. Quando o bandarilheiro não visualiza sua bela tôda nua, num descanso sentimental de trincheira, é para investir contra os palermas que lhe dão de comer a trôco de uma roupagem de vermelhão e de cobalto. O retrato em Goya, passa a ser hostil ao retrato.

E chegamos a êsse fecundo e lírico século 19, onde o espírito moderno alimenta os seus primeiros recalques e ensaia suas grandes profecias.

Aí, no século 19, o retrato se destaca da vitoriosa sociedade burguesa, se desindividualiza. Não são mais os senhores faustosos do Renascimento cujo interêsse reside não no cargo que ocupam, na pirâmide social que encimam, mas na sua própria humanidade aventureira, rica e poderosa. Agora, neste triste século de Vautrin e da Dama das Camélias, o que interessa o artista é a vida anônima que passa, a figura que não tem outro destaque senão o do seu próprio corpo, de sua roupa pobre e colorida. E' o retrato de um homem, de uma mulher, de uma moça de vermelho ou de uma criança rosada. De um bebedor de cerveja ou de absinto. Ou são então os ambientes excepcionais, como os circos de Toulouse Lautrec que anunciam Picasso, as dançarinas de Degas, os cafés-concertos de Manet, e os piqueniques onde a pequena burguesia vai comer na relva e realizar dentro da ordem imposta, seu cândido desafôgo dominical.

Quando se fixa uma personalidade, é o Malarmé, de Degas, é o Zola, de Manet, é o Baudelaire, de Daumier. São os poetas e os escritores malditos e subversivos. A Carlyle, o próprio Whistler talvez deva sua celebridade. Aparece, ao lado do trabalho honesto que volta a face aos senhores da hora, ao lado do pincel que não se vende que é o de Cézanne e o de Van Gogh, uma sub-pintura de folhinha que realiza a fortuna fácil dos impostores para gozo imediato dos Lords dignos e da sociedade entendida. Essa contrafação imoral que põe nas casas ricas, grandes telas lambidas de óleo caro prolonga-se até os precursores do magazine atual que são os Van Dongen de tôdas as capitais, os Zuloaga, os Boldini, enfim a récuia dos que armam no cavalete, um instituto de beleza para encher de pó de arroz e vermelhão os embaixadores e os políticos e fazer uma trágica concorrência aos cabeleireiros ciosos das permanentes e das sobancelhas das grandes e pequenas senhoras da burguesia.

Mas nenhuma curva documentada dêsse desligamento em que o artista insiste perante a sociedade burguesa, solidão orgulhosa do pobre, que só David, Ingres e Delacroix souberam quebrar, nenhuma crítica minuciosa, ou exposição retrospectiva, nada, enfim, decifra o enigma da pintura, da Renascença aos nossos dias com uma simples história contada por um poeta pecaminoso e infamado. É a história de um quadro onde a graça de um adolescente refulge. Tôdas as harmonias imaginárias colorem a figura de Dorian Gray. Ele o leva para o seu apartamento silencioso e festivo e o conserva como um passaporte para a glória de viver. Mas súbito, a cada bela torpeza de sua vida

irregular, corresponde um estigma no retrato. Os vícios, os desregramentos que perturbam a serenidade íntima do modelo vão estranhamente vincar a face pintada. E pouco a pouco, aos olhos surpresos do adolescente, sua alma tenebrosa se fixa e macula a tela primaveril. Pouco a pouco as monstruosidades recalcadas se retratam indelêvelmente na figura. E então, como de um continente submerso que aflora, o moço vê estamparem-se no seu retrato as convulsões tempestuosas de que êle padece. Mas do horror, êle passa ao comprazimento e à análise até que a revelação do seu drama interior o leva primeiro a cobrir com um véu depois a destruir aquêle testemunho mudo e vigilante de seu eu. Espedaçou a tela para não mais se ver. Vão encontrá-lo morto, enquanto a tela volta à sua virginal resplandescência. Eis um esquema genial que Oscar Wilde traçou, sem querer, para a história da pintura individualista da Renascença até o presente. Rafael Sanzio de Urbino tem a esbelteza e a segurança de Dorian Gray. E' um zênite a que a humanidade, libertada de mitos milenários, atingiu oferecendo o busto e a face com a dignidade dos deuses helenos. Mas desamparada dos apoios coletivistas e dos chamados sociais, a unidade humana vacilou e tratou então de encobrir a sua solidude com as riquezas da decadência barroca e as felicidades fúteis dos Fragonard e dos Watteau. E depois de uma tentativa apologética em torno da figura triunfal do homem só, feita no apogeu da burguesia francesa, por Ingres, o caos se pronuncia. Da alma enclausurada, nos afastamentos voluntários da vida social, surge a mais estranha galeria de figuras dramáticas com que a humanida-

de se retratou. Dorian Gray identifica-se nas tragédias de Daumier, nas côres sombrias de Courbet, nas rudes aparições de Manet, nas carnes gordas de Renoir. E de repente Rafael Sanzio de Urbino vê da sua perene mocidade, brotar no depoimento de Cezanne, a corcunda terrificante de Emperaire. E' então que as proezas técnicas do impressionismo procuram disfarçar a crueza do seu esfarelamento. O quadro vai até às diversões do pontilhismo e do divisionismo químico do espectro solar. Chamam-se **fauves** os que levam adiante a franqueza de suas taras invencíveis. Dorian Gray identifica-se completamente nas monstruosidades do expressionismo e do surrealismo. Era preciso acabar. O homem então, que pinta sua alma e não a encontra mais, pois ela se cultivou na solidão e no nada atira-se contra a tela que o identifica e a destrói. E' o Dadaismo. E' então nos primeiros ensaios do mural moderno, como na ascese disciplinada que procuram a pintura soviética e a mexicana, é nesses anseios prenunciados pela estética construtora de Leger e de Picasso, que se pode restaurar a primavera de Dorian Gray.

DO TEATRO, QUE E' BOM...

— Não, você não tem razão alguma em fazer restrições ao empreendimento dêsses meninos e dessas moças. Só o fato dêles nos descansarem do cinema, dessa imbecilização crescente pela tela, com que os Estados Unidos afogaram o mundo, para depois tomá-lo sem resistência, só isso me faria dar a Legião de Honra, a Cruz de Ferro, a Ordem do Cruzeiro, tudo que haja de condecoração em todo o mundo aos amadores do nosso teatro. Olhe, quando se falou contra o ópio do povo, devia-se ter pôsto no plural e juntado o cinema e o futebol... O mundo não progride por causa desses entorpecentes...

— Você está inteiramente equivocado, o cinema como o estádio exprimem a nossa época. Basta você recorrer a um indicador demográfico para verificar como a era da máquina tinha que produzir seus meios expressionais para uma humanidade que blefaria Malthus na sua prodigiosa ascensão censitária. O mundo de hoje tende a crescer e não há espiroqueta pálido, paraquedista químico, tanque, canhão ou metralhadora, S. S. o estreptococo rajado, que possa com uma humanidade alfabetizada, elucidada pelo cinema, vigilante pela escola, saneada no esporte e na higiene alimentar, ampa-

rada pela cirurgia, pela sulfanilamida pela grana-cidina...

— Tudo isso seria ótimo se não houvesse aquela pequena diferença que fez o índio brasileiro, citado por Montaigne n'“Os Canibais”, observar na côrte de Rouen, que muito se admirava do conforto da cidade européia, mas muito mais de que não fôssem os palácios e salões queimados pelos habitantes dos cortiços e dos casebres...

— Ora, tudo tem seu tempo. A humanidade processa dialéticamente a sua ascensão. Cria o órgão e cria a função. Se amanhã se unificarem os meios de produção, o que parece possível, já não haverá dificuldades em reeducar o mundo, através da tela e do rádio, do teatro de choque e do estádio. E' a era da máquina que atinge seu zênite. Porisso mesmo, meus reparos são contra o “teatro de câmara” que êsses meninos cultivam, em vez de se entusiasmarem pelo teatro sadio e popular, pelo teatro social ou simplesmente pelo teatro modernista, que ao menos uma vantagem traz, a mudança de qualquer coisa. Houve quem me dissesse que Lenormant, aqui representado, é moderno. Por quê? Porque as suas peças são em dois atos? Meu Deus! Mas veja o espírito! Aquêlê imperialismo francês que havia de dar em Vichi, e na grotesca fidelidade da Martinica! Com tôda a bêtise do colonial da época de La Condamine, sem entender nada do que acontece. Afogado conchavo de almas eleitas perdidas na epiderme duma África de ficele onde o senhor feiticeiro vem anunciar, no primeiro ato, a desgraça que acontece certinha no final! Há uma canção de Montpar-

nasse com que os estudantes de Medicina de Paris costumavam celebrar os seus amôres:

“Nous sommes unis par la vérole
Mieux que par le lien conjugal!
On exposera nos viscères...
Chez Dupuytren”.

E' todo Lenormant. Você não acha? Esse compartimento estanque de incuráveis de uma sociedade incurável, que vem expôr suas vísceras esverdinhas à luz doentia dos refletores mais lúridos... Olhe, o título de sua obra prima diz tudo, “Les ratés”...

— Mas o que você queria que êles representassem? O teatro francês tem dado “boutades” neste século, grandes “boutades” é verdade, mas que geralmente canalizam seu êxito nos elencos admiráveis, coisa que aqui ainda não pode suceder. Veja o sucesso de Romaine e o de Giraudoux, é devido a Jouvet. A França nêstes últimos tempos tem aprimorado a expressão cênica. Uma reação admirável contra o abastardamento trazido pelo cinema. Sentindo-se atacado, o teatro melhorou, produziu o Vieux Colombier, o Atelier, alguns minúsculos palcos de escol, onde se refugiou o espírito nessa fabulosa Paris que a bota imunda do guarda-floresta Hitler tenta inútilmente pisar... Veja como, graças aos Dullin, aos Pitoeff, aos Coquelin, o teatro soube reacender a sua flama que parecia extinta...

— De outro lado você parece esquecer Mayerhold e as fabulosas transformações da cena russa a fim de levar à massa, o espetáculo, a ale-

gria e a ética do espetáculo... Tudo o que tinha sido anunciado por Gorki.

— Bragaglia também tentou...

— Não, Bragaglia funcionou no pequeno laboratório modernista das experiências que você acaba de citar... São ainda e sempre o "teatro de câmara". A réplica cenográfica do paradoxo de Pirandelo. Não vou negar, nem ao próprio Bragaglia e nem ao próprio Pirandelo, o valor dessas pesquisas nos dois campos, da plástica cênica e da ótica psíquica... Mas, isso não corresponde mais aos anseios do povo que quer saber, que tem direito de conhecer e de ver... Essas experiências intelectualistas são uma degenerescência da própria arte teatral da própria finalidade do teatro que tem a sua grande linha dos gregos a Goldoni, à "Comedia del'Arte", e ao teatro de Molière e Shakespeare... E que um dia, talvez breve, há de somar num sentido honesto, Wagner e Oberammergau...

— Por que será que essa concepção de teatro de massa que você atira nas costas do classicismo para justificar o seu Mayerhold, teria estagnado do século XVIII para cá?

— Pela simples interferência vitoriosa do individualismo em seu apogeu. Como a pintura desceu do mural, abandonou as paredes das igrejas e se fixou no cavalete, o teatro deixou o seu sentido inicial que era o de espetáculo popular e educativo, para se tornar um minarete de paixões pessoais, uma simples magnésia para as dispepsias mentais dos burgueses bem jantados. Daí a sua decadência enorme em todo o século XIX. A própria pujança de Hugo, com o seu prefácio do Ernani o

seu Ruy Blas, não teve a “prise” que podia ter na cena. O romantismo estragou lá Hugo, e aqui, Gonçalves Dias...

— Você tem acompanhado os rodapés minuciosos do sr. Antonio Cândido sobre o maranhense?

— Ele é uma flor de talento e boa vontade ao lado dessas baratas caídas no melado da cultura, dêsses batráquios atolados no documento, coaxando ao universo estrelado kanteano e ignorando totalmente tudo que não fôr chatologia pueril, isto é, tudo que não fôr além da “inteligentia” burguesa disfarçada num avental de laboratório americano, bem engomado, bem pago e cristão. Ignoram a Judéia, a Grécia, o medievo, a grande metafísica alemã, de onde foi dado o sinal de partida do mundo moderno das idéias... E de onde saiu um grande homem de teatro...

— Henrik Ibsen... Conheço seu velho esquema sobre o norueguês... Acho excessiva a operação ortopédica que você tentou há quase um século, quando era estudante, num artigo na “Revista do Centro Acadêmico Onze de Agosto”, onde pretendeu ligar Ibsen a Kant...

— Talvez hoje eu não fôsse capaz de ser tão sintético. Mas, há nas duas ramificações essenciais de Ibsen, que naquela época eu preferia fazer partir da razão pura (Peer Gynt) e da razão prática (Brand) — o sinal das Antíteses.

— Troque isso em miúdo senão não entendo.

— Ora, que dizem as Antíteses? Ou Deus existe... E’ o fundamento da razão prática... Se você quiser, da Moral... E’ o imperativo categórico que leva o pastor Brand na sua louca ascese sentimental, primeiro a sacrificar a mãe que ago-

niza sem absolvição, depois o filhinho que não resiste às intempéries daquele fim de montanha, onde ele erigiu o seu ríspido apostolado, depois a companheira, a espôsa que não tem o direito sequer de guardar a touquinha banhada pelo último suor de sua criança morta... e que estala sob a cólera religiosa do monstro... Enfim a sua final ascensão solitária na direção da Catedral de Gêlo e a voz da avalanche que ensina que Deus é caridade...

— De outro lado, se Deus não existe...

— E' Peer Gynt, o aventureiro na espiral das sensações e dos equívocos, que o fazem naufragar um dia nas praias saudosas da infância, para correr atrás de si mesmo, perseguido pelas canções que devia ter cantado, pelas lágrimas que devia ter chorado, pelos atos que devia ter praticado... E só se encontrou no amor de Solveig, antes que a colher do caldeireiro gigantesco o fizesse voltar à massa dos que não têm efígie... Dêsse pórtico magnífico saem as principais obras do mestre. Você pode filiar "Hedda Gabler", e "Os Espectros" à insensibilidade moral de Peer, enquanto da "Casa de Boneca" ao "Pequeno Eyolf" e à "Senhora do Mar" há o desenvolvimento do drama de Brand. Está aí um teatro para hoje, um teatro de estúdio... participante dos debates do homem...

— Houve uma tentativa levada a cabo por Lugné Poe, em Paris, de se representar o Peer Gynt...

— Só a técnica intervencionista dos estetas soviéticos possa talvez realizar essas cenas debaixo do mar (no naufrágio) a aparição do cão de bordo, querendo comprar de Peer o seu cadáver para es-

tudar o núcleo do sonho... Os surrealistas em Paris tentaram realizar, na cena, Strindeberg.. Ibsen era, para êles, grandioso demais, demais coletivo, próximo portanto das origens verídicas do teatro — festa popular e grande catarse... Na Grécia como a política, o teatro padece da decadência que vai do homérico ao aristofânico, da soberba unificação diante de Tróia, ao esfarelamento fratricida do Peloponeso. Quanto mais próximo do “fatum”, do destino que traz em si a marca da irresponsabilidade de Deus, o homem em luta com êle se destaca e se humaniza de Ésquilo a Sófocles, mas quando chega Eurípedes, desfiam-se os enredos dos casos de família e nem mesmo os urros de Écuba e o amor de Hipólito fazem voltar o palco helênico ao esplendor da Tebas de Édipo ou do voto de Minerva que fêz parar a corrida angustiada de Orestes. Tanto que, é em Eurípedes que a metrificação envernizada e tersa de Racine vai buscar o texto de suas mediocridades, para edificação e divertimento dos colégios de Sion de todo mundo. Ésquilo e Sófocles ficam intangíveis e altos no pórtico da tragédia dionisiaca a que Nietzsche deu a única heráldica de que era capaz, a do seu gênio. Ressalta, pois, de tudo isso, o caráter religioso do teatro, festa coletiva, festa de massa, festa do povo, cujo sentido já é modernamente e vagamente procurado em Shaw e no passional americano, O’Neill. A França deu, nestes últimos tempos, também uma grande farsa, que não fica longe dos mistérios medievais, ou melhor, das suas grandes jocosidades que Jacques Copeau reconstituiu nos dias magníficos do Vieux Colombier. Foi o “Ubu” de Jarry

onde o Rabelais represado pela burguesia de bons costumes, que vem de Le Sage a Flaubert, havia de trazer a nós todos a esperança de sua imortalidade. O "Ubu-Roi" de Jarry, as "paradas" sensacionais do Cocteau da "Tôrre Eifel" e uma grande forma nova de teatro encontrada no ballet, tiveram sua expressão, seu denominador comum, num homem que seria o único capaz de realizar o grande espetáculo moderno que devia ser a ópera. Se houve ultimamente um gênio em França, êsse se chamou Erik Satie...

— Aliás, um discípulo dêle realizou a ópera de que você fala, o Cristóvão Colombo do claudeliano Darius Milhaud. E Claudel?

— Claudel não é só a Idade Media leprosa e milagreira daquele horrendo "Anonce faite á Marie". Entrego o assunto ao professor Roger Bastide que fêz aqui, o ano passado, uma grande conferência sôbre Claudel... Claudel é sobretudo a catolicidade, uma sombra intelectual de Lourenço — o Magnífico. O contrário dessa igreja galicana, herética, intrigante e impopular, que Bernanos representa inútilmente, atacando Hitler e querendo o Duque de Guise... Claudel está sendo realizado inferiormente por Milhaud...

— Que tenta, no entanto, o grande teatro moderno, a ópera...

— Exatamente. Tudo isso indica o aparelhamento que a era da máquina, com o populismo de Stravinski, as locomotivas de Poulenc, as metralhadoras de Shostacovitch na música, a arquitetura monumental de Fernand Leger e a encenação de Mayerhold, propõe aos estádios de nossa época onde há de se tornar uma realidade o teatro de

amanhã, como foi o teatro na Grécia, o teatro para a vontade do povo e a emoção do povo... Como teria sido agora na Espanha se acontecesse o contrário do que aconteceu: — para a mediocridade de Jacinto Benavente o prêmio Nóbel e para Frederico Garcia Lorca o pelotão da madrugada. Mas é pelo teatro popular indicado por êsse Whitman moderno que se venha talvez a realizar a estética coletivista de Mayerhold e de Tairov.

— E a Espanha velha? a Espanha de Calderon... e dos mistérios?

— Shakespeare superou Calderon como a Inglaterra derrotou a invencível Armada. A época era humanística e não católica. Eu tenho a impressão de que por detrás do estrião Shakespeare, viveu oculto um dos maiores humanistas da era elizabetiana.

— Bacon de Verulam? Mas eu não vejo relação entre o pensamento claro e lógico do chanceler e essa caverna onde uma humanidade vistosa e narcisista debate os seus instintos primários que é toda a obra de Shakespeare.

— Basta pensar no "Hamlet" para você ver quanto erra. O Hamlet é, para mim, a carteira de identidade de Bacon no bolso do jaleco de Shakespeare. Há todo o drama do renascimento humanístico no príncipe viajado tornado culto, portanto cético, no contágio sufocante dos primados ancestrais que ia encontrar em Elsenor.

— Mas você não acha um disparate fazer concordar aquêle racionalismo que sucedeu ao de Montaigne, com as florestas que marcham, os punhais recurvos de Otelo e os balcões floridos de Julieta?

— Engano, veja, séculos depois, outro exemplo. E' o claro, o luminoso, o estatal Goethe, de Weimar, que desencadeia as fôrças subterrâneas e as fôrças celestias no embate encarniçado pela alma do homem tornado livre. No Fausto, no primeiro e no segundo Fausto, há Bacon e há Shakespeare.

— Puro teatro, e que teatro!

— Um espetáculo meu caro. Mas o mundo se transformou depois do sedentário "seculo das luzes", do romantismo de gabinete e da calma Aufklärung —. Sancho montou o cavalo de Quixote! E' a imagem guerreira do fascismo, a burguesia, a pequena burguesia querendo tomar parte em rodeios com um vilão do tamanho de Stalin... A pequena burguesia mussoliniana, douda em primeiras letras, amamentada pela burocracia e pelo confessionário, querendo num desrecalque sensacional viver perigosamente... Veja no que deu!

— Você há de convir que a America não está fazendo só sociologia.

— Não nego. Houve um americano que prestou mais serviços ao futuro que todo o primeiro time do nosso caro Professor Pearson... Um pequeno jornalista americano... A sociologia o desconhece, a literatura oficial finge que o esqueceu, as enciclopédias não o citam. Um nome apenas. Chamava-se John Reed. Escreveu um livro intitulado "Dez dias que abalaram o mundo". Só o cerume da sociologia, nas orelhas blindadas da pesquisa, não deixa ouvir os roncões telúricos dos canhões que estão liquidando a maior conspirata que a história humana viu armar-se contra o espírito e o progresso hegeliano do espírito..

— Bem. E John Reed? Você quer falar do soldado de John Reed... Aquêlé soldadinho que os cadetes da velha escola de Petrogrado tentaram subornar com moedas de cultura...

— Para atrapalhar a tarefa que êle inexoravelmente executava, longe da filosofia, tendo apenas na cabeça idéias simples como pregos e uma arma na mão... Imagine se os cadetes tivessem tôda a lista de nomes que a filantropia cultural fornece aos bedéis da sociologia! Só enumerando-os, dava para retardar a marcha do mundo...

— Mas o soldado de John Reed cumpriu a sua missão no palco vivo da história contemporânea.

O CAMINHO PERCORRIDO

(Conferência pronunciada em Belo Horizonte)

Perguntou-me alguém se o título que dei a esta palestra "O caminho percorrido" indicava o trajeto ferroviário de São Paulo a Belo Horizonte. Não disse que não. E fiquei pensando nessa curiosa analogia em que a distância geográfica entre as duas capitais pode ilustrar uma etapa superada no tempo. O caminho percorrido de 22 a 44. São Paulo do Centenário, Belo Horizonte de Juscelino Kubitschek. Em 22, São Paulo começava. Hoje Belo Horizonte conclui. Porque enquanto Minas procura unificar o Brasil, São Paulo se dispersou em setenta painéis e foi preciso virmos a Belo Horizonte para dar o espetáculo duma família solidária e respeitável.

Indagar por que se processou na nossa capital a renovação literária é o mesmo que indagar por que se produziu em Minas Gerais a Inconfidência. Como houve as revoluções do ouro, houve as do café. Naquelas culminaram os intelectuais de Vila Rica, nestas agiram como semáforos os modernistas de 22. Nunca se poderá desligar a Semana de Arte que se produziu em fevereiro, do levante do Forte de Copacabana que se verificou em julho, no mesmo ano. Ambos os acontecimentos iriam marcar apenas a maioridade do Brasil. Essa maiori-

dade fôra renunciada em Minas pelos Inconfidentes. E que queriam os Inconfidentes senão acertar o passo com o mundo, senão tirar o meridiano exato de nossa hora histórica? Hoje passou-se o tempo, os seus corpos voltaram ao solo da pátria. Um só não voltou. Porque daqui não saiu. Foi espalhado por tôda a terra brasileira. No entanto, que é feito da imagem do mártir de Vila Rica? Porque êle não estará nos nossos olhos como está nos nossos corações? E' bem capaz de haver mais retratos de D. Maria I por êsse Brasil afora do que retratos de Tiradentes.

Vamos dividir o movimento literário que deu essa messe de escritores, poetas e artistas de 22 para cá, ràpidamente estudar a Semana, suas condições internas e influências exteriores. Na Vila Rica do Século XVIII havia os chefes rebeldes da tropa, prontos a sair, os heróicos padres carbonários, os homens que construiriam a lei nova, mas também havia os estudantes brasileiros na Europa. Em 22, o mesmo contacto subversivo com a Europa se estabeleceu para dar fôrça e direção aos anseios subjetivos nacionais, autorizados agora pela primeira indústria, como o outro o fôra pela primeira mineração.

E por que êsse anseio?

Essa insatisfação era assim motivada em carta a Jefferson, por um dos nossos estudantes inconfidentes na Europa, José Joaquim da Maia: "je suis brésilien et vous savez que ma malheureuse patrie gemit dans un affreux esclavage qui devient chaque jour plus insupportable".

A insatisfação de 22 nos levara a Paris dentre duas guerras e no seu desdobramento foi mais

longe. Levou brasileiros à Rússia e às terras que haviam inventado o fascismo. Graça Aranha vivia em Paris. Mais de um brasileiro pisou o país dos soviets. O sr. Plínio Salgado preferiu a Alemanha e Portugal. O sr. Tristão de Ataíde fêz uma romaria à Palestina.

Querer que a nossa evolução se processe sem a latitude dos países que avançam é a triste xenofobia que acabou numa macumba para turistas, particularmente tolerada pela Polícia Especial, e que nos quis infligir um dos grupos modernistas, o Verde-Amarelo, chefiado pelo sr. Cassiano Ricardo.

Para essa gente que se bipartiu depois na formação reacionária do Integralismo e da Bandeira o desgraçado desembargador Tomás Antônio Gonzaga era um homem afastado dos problemas brasileiros porque cantava Marília e vestia de clâmide a sua poética lapidar. No entanto, Gonzaga e seus companheiros sentiram como ninguém a exaustão da terra escrava e apenas recobriram de pastores arcádicos o vulcão que trabalhavam nas entranhas políticas de Vila Rica. Foram os árcades que pagaram com a vida o sonho siderúrgico de uma pátria liberta.

Queriam decerto que Gonzaga fôsse um acadêmico de letras do século XVIII a serviço político do Visconde de Barbacena, tecendo adulagens e blandices a dona Maria I e ao regime colonial que nos conspurcava!

Mas isso não se deu com os intelectuais mineiros do século XVIII. E felizmente não se deu com quase todos os intelectuais de 22,

E' preciso compreender o modernismo com suas causas materiais e fecundantes, hauridas no parque industrial de São Paulo, com seus compromissos de classe no período áureo-burguês do primeiro café valorizado, enfim com o seu lancinante divisor das águas que foi a Antropofagia nos prenúncios do abalo mundial de Wall-Street. O modernismo é um diagrama da alta do café, da quebra e da revolução brasileira. Quando o sr. José Américo de Almeida mostrou a senda nova do romance social, se tinham já dividido em vendáveis políticos os grupos literários saídos da Semana. A Semana dera a ganga expressional em que se envolveriam as bandeiras mais opostas. Dela saíra o "Pau Brasil", indicando uma poesia de exportação contra a velha poesia de importação que amarrava a nossa língua. E de "Pau Brasil" sairia na direção do nosso primitivo, do "bom canibal" de Montaigne e Rousseau. Se me perguntarem o que é "Pau Brasil" eu não vos indicarei o meu livro — paradigma de 1925, mas vos mostrarei os poetas que o superaram — Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Ascenso Ferreira, Sérgio Milliet e Jorge de Lima. E' o Norte e o Sul. Se alguma coisa eu trouxe das minhas viagens à Europa dentre duas guerras, foi o Brasil mesmo. O primitivismo nativo era o nosso único achado de 22, o que acoroçoava então em nós, Blaise Cendrars êsse grande "globe-trotter" suíço já chamado "pirata do lago Lemano", e que de fato veio se afogar, não numa praia nativa, mas num fundo de garrafa da política de Vichi. A Antropofagia foi na primeira década do modernismo, o ápice ideológico, o pri-

meiro contacto com nossa realidade política porque dividiu e orientou no sentido do futuro.

Já se tinha destacado de nós o grupo verde-amarelo, sentado na tripeça perfeita dos senhores Cassiano Ricardo, Plínio Salgado e Menotti Del Picchia. Tão perfeita de anseios para salvar o Brasil que deu o Integralismo de um lado, de outro a Bandeira.

Na elucidação da questão da Antropotagia entra um ato de elegância do sr. Tristão de Athayde que muito me comoveu. Antes de me referir a isso, quero fazer notar que o sr. Tristão de Athayde está tingindo a cabeça de acaju. Esquece-se de que há pouco mais de um ano desejava em grandes artigos que a Rússia fôsse esmagada pela Alemanha nazista, pois seria logo em seguida posta nocaute pelos vencedores de Cassino. Agora já vê diferente e deseja retomar a posição contrita de crítico ao par. Nesse caminho, que aliás já vai trilhado por outros penitentes, teremos breve um viveiro de pavões vermelhos. Mas antes dessa remada para a esquerda, o leão da Academia que Agripino Grieco chamou de "rei dos animais de farda" ou seja o inodoro e presidencial sr. Múcio Leão deu à publicidade uma carta de Antônio de Alcântara Machado que lhe foi piedosamente passada pelo crítico católico d' "O Jornal", a fim de me xingar pela bôca de um morto. Quem havia de publicar essa carta senão a ratazana em mólho-pardo que é o sr. Cassiano Ricardo? Nesse documento vem à tona o estado de sítio que proclamaram contra mim os amigos da véspera modernista de 22. Pretendia-se que eu fôsse esmagado pelo silêncio, talvez por ter lançado Mário de Andrade e prefaciado o primeiro

livro de Antônio de Alcântara Machado. E' êie mesmo quem depõe de além-túmulo. Tudo isso teria um vago interêsse anedótico se não viesse elucidar as atitudes políticas em que se bipartiu o grupo oriundo da Semana. Comigo ficaram Raul Bopp, Osvaldo Costa, Jaime Adour da Câmara, Geraldo Ferraz e Clóvis de Gusmão. Abandonamos os salões e nos tornamos os vira-latas do modernismo. Veio 30. O outro grupo tomou os caminhos que levariam a revolução paulista de 32. Os vira-latas comeram cadeia, passaram fome, pularam muros, com exceção do poeta de "Cobra Norato" que estava no exílio de um consulado. E' que a Antropofagia salvava o sentido do modernismo e pagava o tributo político de ter caminhado decididamente para o futuro.

Mas aí já corriam os tempos novos, os do romance social, indicados pela publicação de "Baga-ceira" e reivindicando outra fonte de interêsse nacional que, paralelamente com "Pau Brasil", segundo a crítica de Prudente de Moraes Neto viera do Nordeste. Começara a sociologia nativa e saudosista do sr. Gilberto Freyre. E surgiu Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins do Rêgo, Amando Fontes, Ciro dos Anjos e tantos outros. O importante dêsse crescimento de ciclo é o aparecimento de um novo personagem no romance nacional — o povo. E' o povo que brota de "Suor" e de "Jubiabá" e que vem agora depor sôbre a vida do sul, na "Fronteira Agreste" do romancista Pedro Ivan de Martins.

De 22 para cá, o escritor nacional não traiu o povo, antes o descobriu e o exaltou. Vêde o exemplo admirável de Jorge Amado,

Ainda em 24, quando as primeiras bombardas da revolta paulista atroaram o céu da cidade ninguém compreendia nada. Os escritores estavam ausentes do movimento telúrico que se agitava. Estavam nos salões. Mas, em 24 nem o govêrno, nem os próprios revolucionários compreendiam nada. E' assim mesmo que se processa a história. ela toma sentido nas repercussões e na soma dos fatos, nas suas decisões proféticas, no seu final balanço ideológico e político.

Em 24, na hora zero de 5 de julho eu me achava com Blaise Cendrars na redação de "O Correio Paulistano", quando no salão nobre penetrou o presidente Carlos de Campos, alvo direto da revolta. Quem não conhecer este episódio pensará que o Presidente fôra ali tomar providências contra a rebelião, ou se ocultar! Não! Faltavam 15 minutos para a meia noite. Mas ninguém sabia que aquêle 5 de julho ia inaugurar uma época na vida do Brasil. O Presidente paulista entrava como sempre desprevenido, e sòzinho, nessa noite em companhia de um amigo, no edifício do seu jornal, do jornal do govêrno, onde os redatores bocejavam de tédio ante os últimos telegramas e a calma da noite sem notícias. E que se passava lá fôra nos quartéis? Soaram as doze pancadas e não estremeceu o relógio grande, nem a sala luxuosa, nem o edifício penumbroso. Conversava-se calmamente sôbre a broca que assolava os cafezais. Nas casernas agitadas matavam-se oficiais e praças e a tropa saía para os tumultos da cidade. Os quartéis já se tinham levantado. Quitauína, a Luz, Sant'Anna. E o presidente falava a mim e a Cendrars, com sua voz pausada: — Vou mandar os soldados da Fôrça Pública atacarem a broca do café. Eles não fazem nada...

De outro lado, os revolucionários não possuíam serviço secreto, ligação ou unidade de comando. Enquanto Miguel Costa, certo da derrota ante a teimosia da resistência presidencial nos Campos Elíseos, mandava a Carlos de Campos uma carta oferecendo rendição honrosa, êste abandonava precipitadamente o Palácio pelo braço de um espião para receber no alvo combinado o tiro de misericórdia que daria desfecho à luta.

Pela primeira vez na história militar, em vez da bala procurar o alvo foi o alvo que procurou a bala. Tendo enguiçado um canhão que fazia tudo para mirar os Campos Elíseos, e que só atingia o Centro, sugeriram ao Presidente que se dirigisse para a Secretaria da Segurança, onde seria massacrado. E êle foi!

Os fatos se processaram assim, loucos, ilógicos, espantosos! No entanto como cresceu de sentido êsse episódio da nossa vida pública! Quem nos diz que da resistência civil de Carlos de Campos não sairia, pelo menos a tradição de uma resistência mais profunda na direção das conquistas liberais, dessas conquistas que são seculares e indefectíveis em Minas? Quem nos diz que da sublevação de Miguel Costa não ia se marcar de esperança a insatisfação popular da gente do Brasil?

Não havia muita coisa, no embornal dos revoltosos. Nem plano, nem ligação, nem caminhos. O então Tenente João Alberto disse explicando o movimento: — Não tínhamos diretivas, mas tínhamos vergonha." Havia qualquer cousa no ar que era a insubmissão contra os processos políticos que oprimiam a gente brasileira. E foi êsse sentimento

ponderável de oposição que forjou a vitória. Esse sentimento que nenhum técnico da angústia coletiva poderia localizar, pois é feito de interjeições desligadas de seus motivos, de caras torcidas ante a normalidade dos dias e de explosões díspares pelas quais a loucura pode ser só superficialmente responsabilizada.

De 24, saíria esse raide de semi-loucos, que foi a Coluna. A coluna que levava nos dentes dos cavalos e nos braços dos peões a história do Brasil. E saíria a revolução de 30. E saíria o Tenentismo, as alianças populares, finalmente o estopim da revolução que se hoje sangra de fogos novos na Europa em escuta, também sangra aqui nos cárceres de Tiradentes que a América reabriu.

Com a guerra, chegamos aos dias presentes. E os intelectuais respondem a um inquérito. Se a sua missão é participar dos acontecimentos. Como não? Que será de nós, que somos as vozes da sociedade em transformação, portanto os seus juízes e guias, se deixarmos que outras forças influam e embarquem a marcha humana que começa? O inimigo está vivo e ainda age. Nada mais oportuno que citar o desmascaramento provocado pela sinceridade de um político continental, o qual colocou como ideólogos do néo-fascismo americano, no mesmo balaio, o senhor Plínio Salgado e o senhor Tristão de Athayde. Um simples esbarrão desastrado fez sair a tinta fresca com que o crítico penitente estava procurando encobrir as côres de seu pernicioso e longo proselitismo reacionário. A união nacional diante do inimigo é um primado. União! Sim! Mas que se abram todos os cárceres políticos do Brasil!

De resto sejamos generosos. Façamos crédito mesmo às conversões posteriores à épica de Stalingrado! União! Os nossos soldados vão dar o seu sangue pela liberdade do mundo. União e anistia! E não turbemos a nossa jovialidade hospitaleira, nem mesmo diante das missas negras do senhor George Bernanos e das coletas internacionalistas do senhor Otto Maria Carpeaux.

Para mim o que perde o sr. Bernanos é a sutileza. A sutileza e os príncipes. Numa só palavra a restauração. Chamaram-no já de Jeanne D'Arc de Barbacena. Não compreende o mundo futuro sem o Duque de Guise. Gosta de beijar a mão. Quando ruiu Mussolini, arranjou para êle mais de um álibi sentimental. Não sabia qual o Mussolini que se devia enforçar. Sempre a sutileza. Hesitava entre Benoit, Benito e Bento. Um podia ficar para sempre. Receio muito que Bernanos tenha um pouco de Jeanne D'Arc e muito do Visconde de Barbacena.

O outro europeu também surgiu entre nós com a guerra. Tinha sido secretário de Dolfus. Imagino a tragédia dêste civilizado que vinha de Viena, e portanto, mesmo com Dolfus, trazendo na alma uns laivos do Danúbio Azul. Dizem que a primeira pessoa que encontrou nos nossos meios literários foi o romancista nordestino José Lins do Rêgo. Não guardo nenhum rancor do escritor de "Banguê". Sei que no fundo êle é um bom rapaz, que nada tem de canibalesco como indicam — a quem não o conhece — a cara, o grito, o prazer pelo futebol. Para um vienense que tivera a infância ninada pelo "Sonho de Valsa", tinha que suceder o que sucedeu. Repetiu-se no século XX a tragédia

do alemão Hans Staden perdido aqui no mato denso da descoberta. Os óculos de José Lins, o seu dinamismo, seus tapas nas costas, tudo repetia a frase alviçareira do morubixaba de Bertioga: — Aí vem nossa comida pulando! Otto Maria Carpeaux perdeu a fala, entregou os pontos. Passou a ser o mais humilde e açodado admirador da tribo do José Olímpio. Só eu fui excluído, talvez porque morasse em S. Paulo de Piratininga, em pagos diversos e supostamente hostis. Daí por diante ele escreve, escreve, elucida, plagia, ensina, mas sobretudo badala... E' o "Bôca Larga" de porta de livraria, o sacristão dos convertidos à nova cultura, a de Dolfus, o enforcador, a que corveja sôbre o tûmulo aberto num campo de concentração nazista, para o corpo de Romain Rolland.

Como vêdes, os tempos são conturbados e estranhos. As harbas do vizinho ardem por causa das jaculatórias que neste lado do Prata, faz de mãos postas o Sr. Tristão de Athayde. Há compensações, porém. Há esperança nos céus de Roma. E a luz continua a vir do Oriente, nas bôcas dos canhões que souberam esmagar os inimigos da vida.

E' preciso, porém, que saibamos ocupar nosso lugar na história contemporânea. Num mundo que se dividiu num combate só, não há lugar para neutros ou anfíbios. Já se foi o tempo em que, sorrindo dos que lutavam sem tréguas e muitas vêzes sem esperança, os estetas se divertiam dizendo aos católicos que eram comunistas e a êstes que eram católicos. O papel do intelectual e do artista é tão importante hoje como o do guerreiro de primeira linha. Tomai lugar em vossos tanques, em vossos

aviões, intelectuais de Minas! Trocai a serenata pela metralhadora! Parti em espírito com os soldados que vão deixar as suas vidas na carnificina que se trava por um mundo melhor. Defini vossa posição! Sois das mais fortes equipes de todos os tempos brasileiros. Mais que nunca, terra de poetas, terra de romancistas e narradores! Terra de sensibilidade interior, terra de inteligência. Dois de vossos líderes, nos piores anos, nos anos da grande traição, permaneceram irredutíveis nas suas trincheiras de progresso e de democracia — Carlos Drumond de Andrade e Anibal Monteiro Machado. Conservai como êles, o compromisso dos Inconfidentes! Como nas vossas montanhas, introvertidas de ferro, tendes no vosso recolhimento o segrêdo das forjas de amanhã. Fabricai vossas armas com o ouro de vossa vida interior! E deixai para sempre os vossos complexos de isolamento mediterrâneo. Vinde com vossos irmãos de S. Paulo, com vossos irmãos do Norte e do Sul, fazer com que se cumpram os destinos do Brasil!

Tendes tudo, tendes a fôrça de vossa história, tendes a mulher de Minas, bela e sentimental, a que deu as sacrificadas do primeiro Brasil político — Bárbara Heliodora, Marília, Eugênia Maria de Jesus, a humilde anônima companheira do alferes Tiradentes. E tendes o sonho da terceira mineração.

No pórtico de nossa literatura, se agigantam os dois guias de nosso destino intelectual — Euclides da Cunha e Machado de Assis. São as coordenadas mestras de nossa existência literária. Fora de suas rotas, nada de legítimo sairá de nossa capacidade criadora. E que nos ensinam os mestres

inegáveis? O pessimismo de Machado é um pessimismo de classe. Nêle, já existe fixado o germe de tôda uma sociedade condenada. Em Euclides, surge a esperança do povo, a mística do povo, a anunciação do povo brasileiro.

Façamos da irmanação entre mineiros e paulistas, um fasto da fraternidade nacional. Façamos crédito à união que se anuncia! Constatamos hoje que ficaram marcados aqui, vinte e dois anos de luta nesse trajeto. De São Paulo a Belo Horizonte.

Aqui, neste ano da graça de 1944, viemos encontrar o marco da primeira etapa vencida. Belo Horizonte, a cidade perfeita, anuncia-se a Baireuth brasileira, o refúgio criador da poesia e da arte que não dará com certeza, as centúrias hirsutas saídas da demagogia wagneriana, que hoje ajudamos a abater no mundo em sangue. Mas êsse apaziguamento que reunirá um dia, sob o mesmo tôlido de trabalho, e de fé, os homens de boa vontade.

Minas antiga nos dera as grandes lições da Inconfidência, as grandes lições do Aleijadinho. Das catedrais do silêncio e do minério vivo da liberdade, oculto nas montanhas que aparecem amassadas pelas mãos de Deus, Minas moderna já nos havia prodigado o exemplo sem par da Penitenciária de Neves, que pelas mãos de José Maria d'Alkmin, está indicando à América trágica de Sing-Sing e do Carandiru, que as portas abertas são os melhores caminhos da regeneração e de boa conduta. Agora, viemos encontrar na tarde opalina da Pampulha o cassino mágico. E do outro lado, a massa dos monges medievais com que o gênio arquitetônico de Oscar Niemayer faria a única ca-

tedral capaz ainda de converter. Viemos encontrar um santo ensinando as artes da pintura como nos bons tempos do Renascimento ensinava Cimabue, ensinava o Perugino. Santo Alberto da Veiga Guignard. Viemos encontrar o teatro encantado, onde parece que já se movimentam, nos cenários do futuro, as florestas de Macbeth, as massas saídas de Gorki e de Tolstoi, e os meandros espessos onde Solveig canta esperando Peer Gynt.

E viemos encontrar, mais do que isso, viemos espiar por uma fresta o mundo de amanhã. Foi aquêlê almôço do restaurante popular da cidade, onde as mães pobres, os garotinhos que seguram suas pobres calças remendadas em suspensórios que têm forma de cruz, onde velhos operários e moças de côr, sentam-se para comer a sua fome justa, numa fraternidade a que a música do rádio empresta um canto de vitória sôbre o mal, a desigualdade e a injustiça. E fomos ver os ambulatórios limpos do Hospital Municipal.

O hospital de Odilon Behrens e o restaurante da cidade são, porém, manchas de sol vivo na escuridão dos dias torvos do presente. É' preciso que a clareira seja inteiramente aberta!

Porque estou convencido de que só seremos felizes sôbre a terra quando tôda a humanidade, num mundo redimido, comer à mesma mesa, com a mesma fome justa satisfeita, sob o mesmo tendal de fraternidade e de democracia.

ASPECTOS DA PINTURA ATRAVÉS DE "MARCO ZERO"

O convite da "American Contemporary Arts" veio de tal modo me encontrar dentro dum compromisso assumido, o de dar ainda este ano o segundo volume de meu romance "Marco Zero", que só posso realizar esta palestra permanecendo no livro que estou por terminar. Nada se opõe a isso, pois êsse segundo volume intitulado "Chão" estuda um período histórico para São Paulo em debates estéticos e sociais, focaliza o CAM e a SPAM, isto é, o Clube dos Artistas Modernos, de Flávio de Carvalho, e a Sociedade de Arte Moderna, de Lazar Segall, que aqui realizaram, por assim dizer, uma segunda etapa da Semana de Arte de 22. Por suas páginas passam, levados às últimas consequências, problemas, sugestões e idéias que surgiram no caos subsequente à crise do café de 29 e as revoluções armadas. Justamente por essa época, creio que em 34, passava por São Paulo um dos mestres da pintura mexicana, David Alfaro Siqueiros. Ele veio realizar no Clube dos Artistas Modernos, uma conferência a que todos assistimos e nela lançou a primeira dissensão séria que viria perturbar a unidade da ofensiva modernista. Essa divergência é, em "Chão", tratada por dois personagens de "Marco Zero" já apresentados no primeiro volume. São eles o arquiteto Jack de São Cristóvão e o pintor

Carlos de Jaert. Amigos desde a revolução paulista de 32, onde foram aprisionados juntos, agora nas cenas do romance que se desenrola dois anos depois, êles tomam posições antagônicas, um defende o modernismo sem compromisso, o modernismo estético, polêmico e negativista. O outro, que é o pintor Carlos de Jaert, vê razão para o modernismo, na pintura social que êle produziu. Ambos se encontram a passeio na fazenda do Conde Alberto de Melo e depois de uma noite de palestra com outros convidados, entre os quais se acha o Barão do Cerrado, tipo de decadência aristocrática local que só o latifúndio explica, travam um diálogo sobre pintura, no quarto em que vão dormir. Começa o arquiteto Jack de São Cristóvão por exaltar a sua paixão pela pintura que foi o alfabeto da caverna, que acompanha o homem na sua caminhada histórica, a princípio dando êxtase puro com a descoberta da fauna, da geografia e do utensílio, depois ilustrando as religiões, fixando o hierático, depois dando batalhas, comícios, madonas e cavaleiros, mercados e revoluções. Abrindo horizontes, educando, ensinando. Para êle a pintura é álgebra e dinamite ao mesmo tempo. O amigo ri-se e pergunta por que tanta estética. — Para fazer o retrato do Barão do Cerrado, responde Jack. — Como é que você poderia fazer o retrato do Barão, sem recorrer à essa genealogia da pintura que parte dos sinais do homem primitivo e vem até às deformações do expressionismo? Carlos de Jaert replica defendendo o classicismo, no sentido largo. Clássica para êle é a arte que apóia uma sociedade e se ajusta a um ciclo histórico em forma, senão em apogeu. Afirma que a pintura deixou de ser

pintura com o romantismo francês, no século passado, quando perdeu ao mesmo tempo o seu contorno plástico e a sua alma una. Para êle a pintura estacou em Jean Dominique Ingres. Não que se deva copiar. Isso não! Não se trata de copiar. Os modernistas também usam suas habilidades e seu virtuosismo para copiar e se impor à admiração dos ignorantes e dos snobs. Do galinheiro de Picasso, muita ave rara foi surripiada. Mas, um artista restaurou o espírito e a forma da pintura no meio da confusão ocasionada pelo impressionismo e pelas escolas analistas que dêle saíram. Êsse homem, declara o pintor de "Chão", é o **douanier** Rousseau. Um pobre guarda das margens do Sena em quem ninguém queria acreditar, mas que depois o **Louvre** e os outros grandes museus disputaram. Êsse homem teve a coragem honesta de querer acabar os quadros de Cézanne. E' êle quem torna a pintura religiosa e humana como nos grandes tempos e lhe oferece o elemento novo que triunfará na pintura de amanhã — o povo. O arquiteto Jack de São Cristóvão pergunta ao amigo de que modo se poderia pintar o homem que perdera sua unidade psicológica, sua unidade social senão recorrendo às liberdades da análise impressionista. Sòmente depois de Cézanne e de Van Gogh é que a pintura o soube retratar psicologicamente, porque desagregou o modelo, fê-lo como era na vida. — O que perde você, diz o arquiteto, é a incapacidade de ver o mundo interior. Você não sai da pintura ótica. Para pintar nem pisca, arregala os olhos. Eu, diante de uma tela, fecho as pálpebras, ilumino o mundo de imagens que minha retina guarda. — Daí, responde o outro, a coleção de

monstros que você faz, copiados do "Emperaire" de Cézanne e dos "Auto-retratos" de Van Gogh. No meio dêsse pandemônio, dêsse frenesi de um fim de era que produziu os **ismos**, só as virtudes sólidas do povo poderiam dar pintura. Só o **douanier** Rousseau ficou à margem do turbilhão que produziria o nada de Dadá e o nirvana da pintura abstracionista. Vocês são uns literatos intencionais que produzem com tintas uma auto-flagelação masoquista e infame. Vocês nada enxergam de normal. No entanto, nas ruas, há os gestos dos homens, as máscaras dos homens e há mais, há a luta de classes que o México soube fixar nos murais com a técnica mais avançada de nossos dias. Jack discorda, quer achar nas idéias do amigo o resíduo passadista da Escola de Belas Artes, que, sem dizer a ninguém, ele havia freqüentado. — Não! Replica o pintor, o que eu quero é apenas utilizar o real e me servir do documento. Siqueiros afirmou que Giotto e Cimabue esbofeteariam os artistas de hoje que não usassem as câmaras fotográficas para se documentar.

O diálogo prossegue, vai a Hegel, à Antropofagia, ao dogma e à revolução que para Jack de São Cristóvão, são os dois pólos em que se agita a vida e se produz a arte. Mas ambos permanecem nos seus pontos de apoio, um com a aventura modernista, outro com a pintura social.

Hoje, dez anos depois dessa cena de romance que exprime o que aqui em São Paulo se passava em 34, tomam corpo as sugestões de David Alfaros Siqueiros. E' o crítico Luís Martins quem nos informa que o mestre mexicano acaba de criar um movimento contrário ao modernismo estético e po-

lêmico, indicando a necessidade cada vez maior de se dar um sentido social e político às artes contemporâneas. O debate levantado põe também diante dos nossos olhos os problemas de técnica com que Diego de Rivera, Orozco e o nosso visitante de 34, construíram o mural mexicano.

São problemas que atingem não somente o desenho, a côr e a composição, mas levam suas seqüências à arquitetura e ao urbanismo. E' que a pintura mexicana procurava o afresco. Do mural primitivo e renascentista, ela descera no século XVI, para o cavalete. Agora a tendência era oposta. A época mostrava-se de novo monumental e coletivista. Só o afresco poderia satisfazer as suas necessidades estéticas e políticas. Contemporâneo dos mexicanos, um pintor francês, Fernand Léger, declarara numa conferência realizada no Colège de France que havia mais beleza numa bateria de cozinha do que na "Gioconda" de Leonardo da Vinci.

Isso não passava dum agressivo sinal de partida para as exigências do cubismo que haviam de rejeitar na tela e no muro os nevoeiros sentimentais e as anedotas humanas em favor de uma pintura nítida e fria, saída do polimento da era mecânica, da pintura duco dos automóveis e da forma metálica dos aviões. Léger propunha-se a decorar com suas grandes barras vermelhas e negras, com seus amarelos cruéis, os aeroportos, as usinas ciclópicas, o interior retangular dos arranha-céus, enfim, a ilustrar e colorir a geometria da urbe futura.

De outro lado, os mexicanos retornavam ao sentido de cartaz religioso que tivera, no Renas-

cimento, a pintura mural das igrejas. Era nas paredes da cidade moderna que Diego de Rivera levantaria ante o clamor dos burgueses milionários de Nova York, as primeiras iluminuras do evangelho socialista.

Que queria dizer tudo isso senão que o mundo mudava, que a história mudava, que os semáforos que são os artistas, os poetas e os escritores em geral, anunciavam a derrocada de um ciclo e plantavam o marco de uma idade nova?

Chegara ao ápice a crise profetizada pela dissenção secular entre a pintura e a sociedade que expulsara dos salões e do mercado de quadros, Cézanne, Van Gogh e o *douanier* Rousseau.

Nessa quebra de tôdas as certezas que haviam existido no passado em nome de Deus ou da gramática, da ordem ou do absolutismo, a revolução estética prenunciadora da revolução social, iria passar os limites da normalidade e inaugurar o terrorismo e o caos. Nesse caos, tanto Léger como os mexicanos, e mais tarde os pintores da URSS, procurariam lançar os fundamentos da arte construtiva do futuro. Mas um sinal identificador os unia aos mais exaltados nirvanistas da "Escola de Paris". Esse sinal fôra inscrito no frontispício do manifesto surrealista de André Breton. "Se alguma coisa já exaltou o homem foi a palavra liberdade." Esse sinal era o mesmo que unia polemistas, negadores, geômetras e reivindicadores sociais de hoje a uma vasta frente revolucionária que tivera seus pródromos no romantismo e nas barricadas populares de 48. Coloquemo-nos diante da obra de Delacroix e veremos um quadro que se intitula "A liberdade guiando o povo", e outro "A Grecia

chorando sôbre as ruínas de Missolonghi". Percorramos tôda a obra satírica de Daumier. E procuremos mais longe, na Filosofia e na Literatura êsse canto da dignidade humana que iria dar a pintura infeliz do século XIX enxotada das honras oficiais, que iria dar a pintura polêmica de Picasso e a pintura pedagógica de Siqueiros. Séculos antes de Breton, um filósofo calmo e consagrado, Baruch Spinoza, escrevia: "O fim da República não é dominar nem manter os homens sob o medo e submetê-los a outros. Não é o fim da República metamorfosear homens racionais em bêstas ou em máquinas, mas o contrário. Em uma palavra, o fim da República é a liberdade."

Antes ainda, contra as certezas autoritárias de São Tomás, Michel de Montaigne perguntaria "Que sei eu?". Êsse mesmo Montaigne que ia fazer no capítulo dos "Essais", intitulado "Des Cannibales", a primeira exaltação do selvagem do novo mundo, em face das escleroses da Europa absolutista. Vejamos dois textos antigos para verificar as posições tomadas pelo espírito desde o século XVI. Se Madame de Pompadour escreveu a um ministro de Estado: "Ponha êsse homem na Bastilha e que seja êsse o seu túmulo", um índio da América descoberta, um índio brasileiro, levado à Côte de Rouen e interrogado sôbre se não se admirava dos palácios, do luxo e do conforto da cidade respondia: "mais me admira ver o povo que vive na lama e no frio não queimar isso tudo".

Podem persistir pela maquinação ou pela força as Madames de Pompadour, pretendendo entumular nas Bastilhas o pensamento de amanhã, os telegramas dos jornais e o rádio afirmam que o fu-

turo será do homem livre. Ainda vibram neste dia solar de 15 de agosto as primeiras notícias de uma nova invasão da Europa. Conduzido nos navios de países mártires, o exército francês está desembarcando nas praias meridionais da França para acabar de libertá-la.

E que vemos aqui, senão os resultados da onda de libertação que tomou conta da terra e que agora pelas armas derrota a reação e o passado?

A pintura reacionária mofa, envelhece e agniza nas compotas das academias inúteis e dos museus errados. A pintura moderna subsistiu porque toda ela é revolução. Revolução na técnica, revolução no espírito, revolução no sortilégio, revolução no material e na plástica. Talvez somente no Renascimento, uma grande época da História foi anunciada e alimentada por uma retaguarda espiritual tão forte e conseqüente, por um verdadeiro comando unânime de que participaram em conjunto artistas, escritores, estetas e filósofos.

Os próprios negativistas tiveram sua parte honrosa na batalha. Discordo de Ilya Erhemburg no tratamento unilateral que dispensou aos surrealistas. Ele só viu diante dos seus propósitos telepáticos e amnésicos o lado "faisendé" e o apodrecimento burguês, sem enxergar o panorama de análise a que atingiu esse catastrófico sinal dos tempos que um dos meus personagens chama de "pintura sem memória". Não é só o esplêndido documentário lírico que nos deram os surrealistas, os impressionistas, os fauves, e os primitivos, realizando plásticamente os continentes freudianos do sonho e da sexualidade, mas há o sentido de protesto e a mensagem de sublevação que marcaram

essa pintura também infeliz, também enxotada da incapacidade de compreensão da burguesia, como tinham sido os chamados “monstros” de Cézanne, de Van Gogh e de Gauguin. Se o cabotinismo interveio e o mercado de quadros exaltou supèrfluamente certas tendências e certos valores, o fenómeno, no entanto, não pode ser por isso diminuído ou desvirtuado. Entre nós, tomou posição contra os modernistas que chama de “inumanos”, o crítico Sérgio Milliet, autor de um livro importante — “Marginalidade da Pintura Moderna”. Das suas idéias, particularmente ressalta a hostilidade contra os homens de Paris, cujas audácias, no entanto, deram novas e inesperadas dimensões às artes plásticas e cujo álibi reside no protesto mais que humano contra a esclerose do gôsto acadêmico e o embotamento da sensibilidade burguesa. O que importa, e nisso se acirra o embate entre os personagens de “Marco Zero”, é identificar na confusão e no caos as verdadeiras e autênticas obras de arte. E onde possa se esconder o espírito da reação e do passado contra o levantamento da cidade nova, anunciada plásticamente pela pintura mural dos mexicanos, pela pintura mecânica de Fernand Léger e pela pintura popular do **douanier** Rousseau. No seu recinto cabem a magia de Picasso, o símbolo de Giorgio de Chirico e a invenção de Dali. Não é possível, a pretexto de uma volta ao normal, eliminar-se da criação plástica contemporânea, a pesquisa que resultou de um século de análise do homem. Nada excluirá Guernica do coração da pintura social. A pretexto de se inaugurar um novo ciclo clássico, instalar-se-ia a pequena e sempre vitoriosa e servil, paciência

acadêmica, sem espírito e sem drama. Seria exclusão da criação toda aventura. E pior ainda, tirar da tela, o seu incisivo caráter de debate interior. O Renascimento, ao transpor uma etapa da cultura, utilizou a perspectiva. Das batalhas de Paulo Ucello saíram os espaços de Rafael Sanzio de Urbino. Como das virgens de Blake e das estrêlas doidas de Van Gogh, iam sair as dimensões que levariam a pintura para lá do campo visual da ótica.

Se me perguntassem qual o filão original com que o Brasil contribui para este novo Renascimento que indica a renovação da própria vida, eu apontaria a arte de Tarsila. Ela criou a pintura "Pau Brasil". Se nós, modernistas de 22, anunciamos uma poesia de exportação contra uma poesia de importação, ela foi quem ilustrou essa fase de apresentação de materiais, plasticizada por Di Cavalcanti, mestre de Portinari. Foi ela quem deu, afinal, as primeiras medidas de nosso sonho bárbaro na "Antropofagia" de suas telas da segunda fase, "A Negra", "Aboporu", e no gigantismo com que hoje renova seu esplêndido apogeu. De outro lado, temos a majestade que atinge o sentido do afresco nos quadros de Lazar Segall. E temos os novos, os novos que aqui expõem, unidos na mesma bravura e na mesma ciência do pincel.

Da cidade do futuro, participa, pois, o esforço brasileiro-americano desta sala. Participa na estética e participa no espírito, porque une os artistas do continente. Nossa união não pode, porém ficar nas paredes das exposições. É preciso que ela se transforme num estado de vigilância a fim de que o inimigo que, com nossas idéias e nossas armas derrotamos, não venha a renascer amanhã, revi-

gorado pelos que sonham ainda com um mundo escravo e por êle trabalham. Não podemos ser de todo otimistas em relação ao futuro das Américas. E' preciso não nos esquecermos do caráter ideológico desta guerra. E' a luta da democracia contra o fascismo. Não combatemos uma ou diversas nações, mas a bandeira cruel, retardada e torpe que atacavam, em nome da liberdade humana, Spinoza e Montaigne.

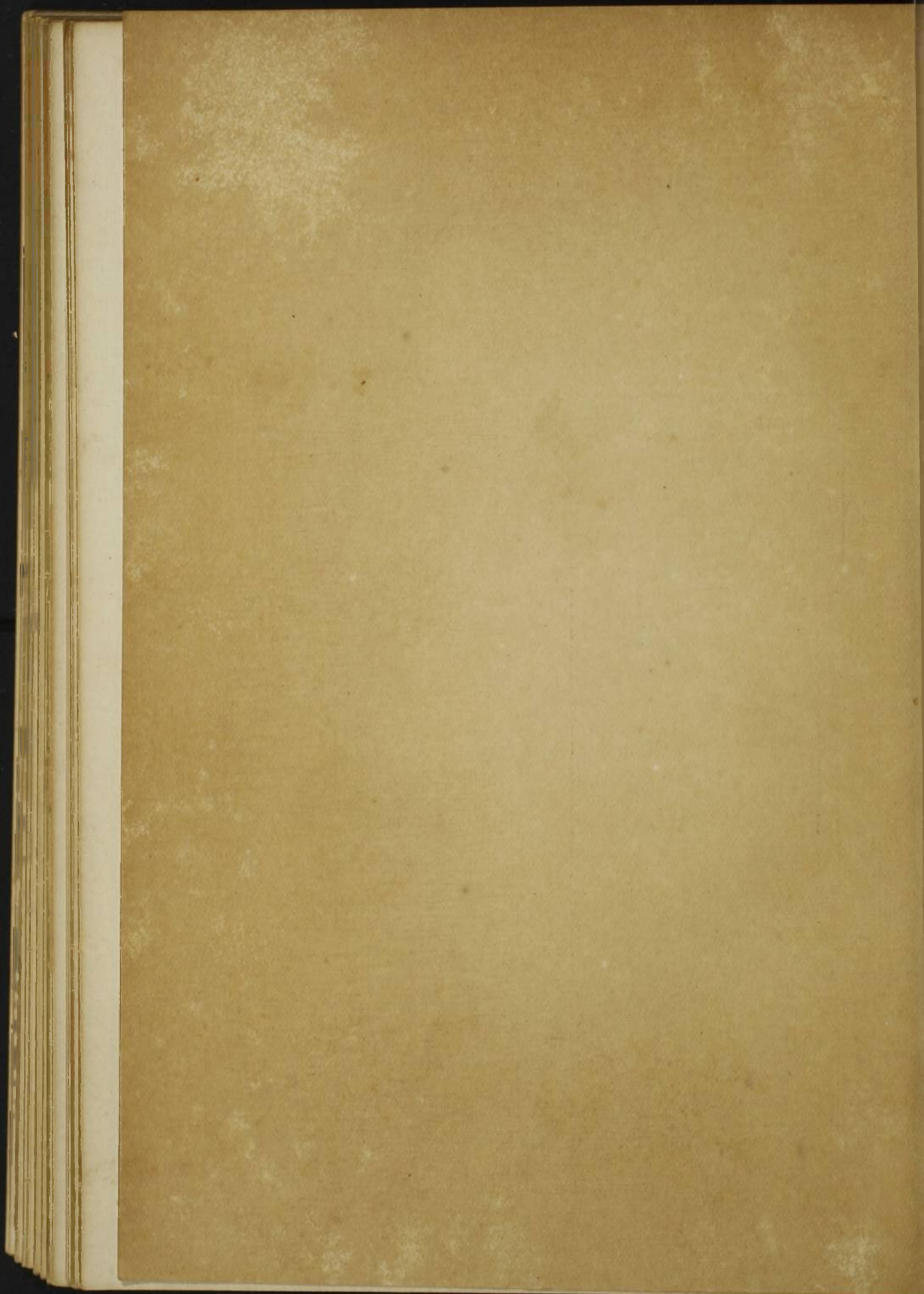
Não foi sem surprêsa e amargura que vimos excluídos das recentes prévias eleitorais, na livre América, os nomes de Willkie e de Wallace. Não é hora, portanto, de escritores e artistas abandonarem a luta, cujo máximo prêmio é a liberdade.

INDICE

Carta a Monteiro Lobato	5
Correspondência	13
Bilhete aberto	18
Carta a um torcida	21
Destino da técnica	27
Poesias e artes de guerra	31
Fraternidade de Jorge Amado	36
Sôbre o romance	40
Qual o Mussolini que vamos enforcar?	46
Antes do "Marco Zero"	51
Aqui foi o sul que venceu	59
Posição de Callois	68
Sol da meia-noite	73
Diante de Gil Vicente	81
O Coisa	87
No átrio da revolução	92
A evolução do retrato	95
Do teatro, que é bom	106
O caminho percorrido	117
Aspectos da pintura através de "Marco Zero"	131

INDICE

1	Introdução
15	Capítulo I
15	Capítulo II
21	Capítulo III
21	Capítulo IV
21	Capítulo V
21	Capítulo VI
21	Capítulo VII
21	Capítulo VIII
21	Capítulo IX
21	Capítulo X
21	Capítulo XI
21	Capítulo XII
21	Capítulo XIII
21	Capítulo XIV
21	Capítulo XV
21	Capítulo XVI
21	Capítulo XVII
21	Capítulo XVIII
21	Capítulo XIX
21	Capítulo XX
21	Capítulo XXI
21	Capítulo XXII
21	Capítulo XXIII
21	Capítulo XXIV
21	Capítulo XXV
21	Capítulo XXVI
21	Capítulo XXVII
21	Capítulo XXVIII
21	Capítulo XXIX
21	Capítulo XXX



000652



M O S A I C O

- 1 — NELSON WERNECK SODRÉ — Síntese do Desenvolvimento Literário no Brasil.
- 2 — MÁRIO DE ANDRADE — O Baile das Quatro Artes.
- 3 — AUGUSTO MEYER — Prosa dos Pagos.
- 4 — ROGER BASTIDE — Poesia Afro-Brasileira.
- 5 — SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA — Cobra de Vidro.
- 6 — AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO — Mar de Sargaços.
- 7 — OSWALD DE ANDRADE — Ponta de Lança.

PRÓXIMOS VOLUMES:

- ANTÓNIO CÂNDIDO — Brigada Ligeira.
- AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO — Portulano.
- RUI BLOEM — Palmeiras no Litoral.
- CARLOS LACERDA — O Rio São Francisco.
- MANUEL BANDEIRA — Três Estudos.
- LUÍS DA CÂMARA CASCUDO — Montaigne e o Índio Brasileiro.
- GUILHERME FIGUEIREDO — Momentos de Crítica.